

# Correio das Artes

ANO  
LXXV

Agosto  
R\$ 15,00

Nº  
6



Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes.

## João Câmara

Suplemento  
literário  
do Jornal A União  
**2024**

Com 80 anos, artista visual paraibano permanece incansável, usando tanto as ferramentas tradicionais quanto as tecnológicas

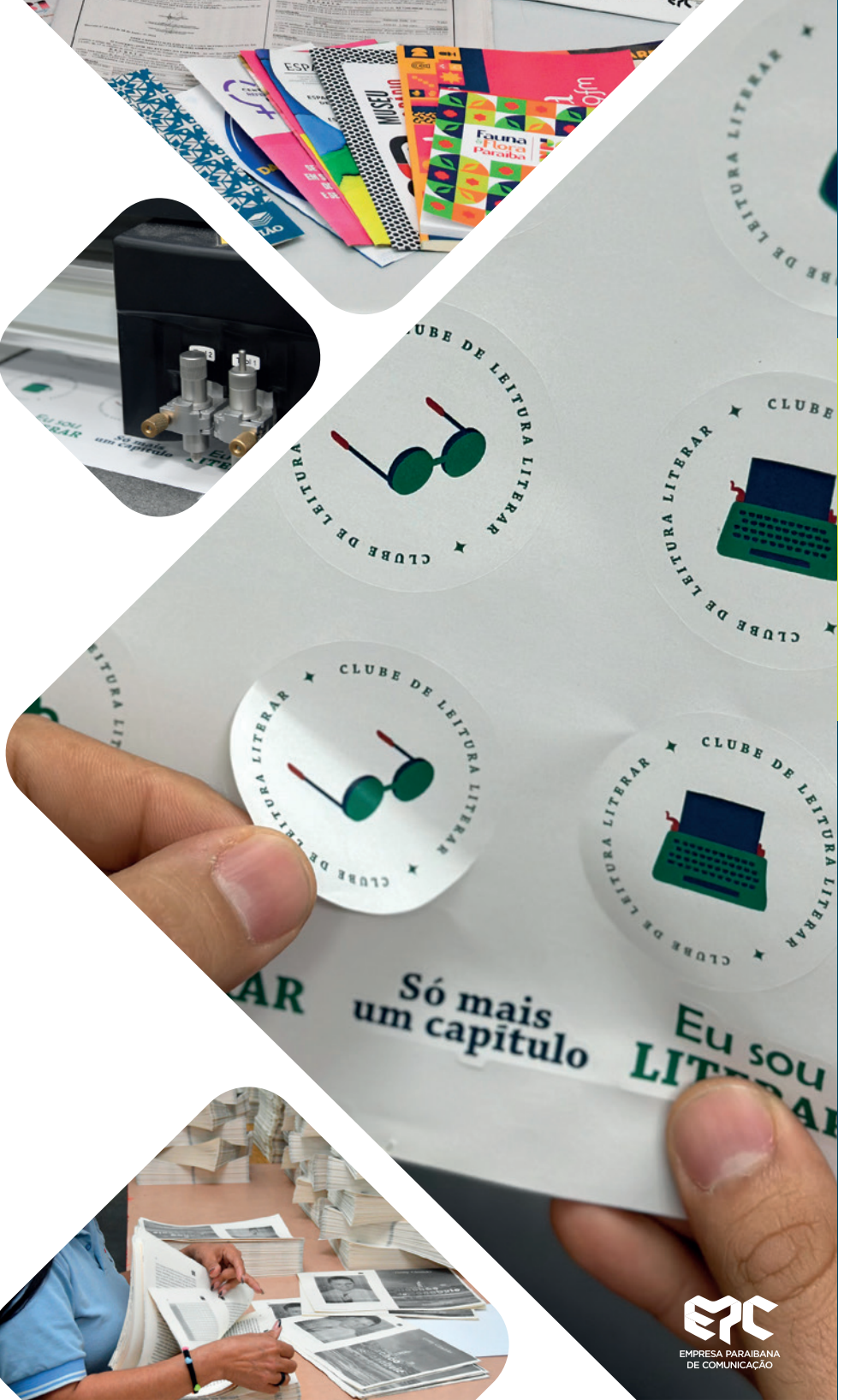




Gráfica

# A UNIÃO

Excelência  
além da  
primeira  
impressão.



MARKETING EPC

**EPC**  
EMPRESA PARAIBANA  
DE COMUNICAÇÃO

# “A gente morre em um cavalete”

• editorial •

Geralmente, nós somos resolutos a mudanças com o passar do tempo, principalmente no que se diz a questões tecnológicas. Do outro lado da moeda, há artistas visuais que passam a vida com as unhas cheias de tintas, como também mergulham sua imaginação nos códigos binários para avançar e experimentar no seu ofício, como no caso de João Câmara.

“Dou-me bem com as ferramentas físicas ou eletrônicas, não armo preconceitos quanto a elas”, afirmou o paraibano, no alto dos seus 80 anos, em entrevista que faz parte da robusta matéria assinada por Alexandra Tavares apresentada nesta edição.

Câmara não quer intimidade com a inteligência artificial (IA). Seu compromisso é com a arte, que protagoniza o seu âmago desde quando passeava fascinado pelas ruas e orlas da cidade de João Pessoa, quando criança. Hoje

Câmara não quer intimidade com a inteligência artificial (IA). Seu compromisso é com a arte, que protagoniza o seu âmago desde quando passeava fascinado pelas ruas e orlas da cidade de João Pessoa, quando criança. Hoje radicado em Recife, Pernambuco, o artista é um exemplo de como você pode sair da Paraíba, mas a Paraíba não sai de você.

radicado em Recife, Pernambuco, o artista é um exemplo de como você pode sair da Paraíba, mas a Paraíba não sai de você. Tanto que a sua nova investida literária será pontuada com as tintas dessa memória afetiva que ele possui do local onde testemunhou pela primeira vez a luz.

Nas palavras do curador da exposição *João Câmara 80 Anos: Pinturas Digitais*, o poeta e escritor pernambucano Weydson Barros Leal: “João é um caso raro de um artista contemporâneo, moderno, um artista do século 21, que tem o espírito de um artista do Renascimento, como Leonardo, que tinha uma criatividade infinita para a pintura, para o desenho, para a escrita, para a invenção”.

Com as unhas cheias de tinta há oito décadas, o incansável Câmara soube usar todo o seu conhecimento para fazer jus à profissão.



SECRETARIA DE ESTADO  
DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL



Naná Garcez de Castro Dória  
Diretora Presidente

William Costa  
Diretor de Mídia Impressa

Amanda Mendes Lacerda  
Diretora Administrativa,  
Financeira e de Pessoas

Rui Leitão  
Diretor de Rádio e TV

Correio  
das Artes

Audaci Junior  
Editor do Correio das Artes

Paulo Sérgio  
Diagramação

Bruno Chiossi  
Arte da capa

Tônio  
Ilustrações

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de textos, figuras, fotos, ilustrações autorais deste suplemento, sem prévia e expressa autorização da direção do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA: (83) 99143-6762

## índice

### 17 / livro

Hildeberto Barbosa Filho analisa “Outono: Memórias da Escritura”, uma espécie de balanço sobre o percurso e formação do escritor e poeta Políbio Alves

### 24 / amigos

Laços fraternos entre escritores, como os paraibanos José Américo de Almeida e José Lins do Rego: um passeio por entre as amizades literárias no Brasil

### 27 / música

Compreensão de “Cargas”, composição da cantora Val Donato, que faz parte do repertório do disco “Café Amargo”, lançado originalmente em 2015

### 30 / resenha

Romance de estreia da escritora potiguar Larissa Rodrigues, “O que as mulheres carregam nas bolsas” apresenta as dicotomias entre modernidade e tradição

### 32 / legado

“Discursos Anticoloniais” mostra a vida e a obra do guerrilheiro Amílcar Cabral, fundador do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde

### 36 / cinema

João Batista de Brito remonta as suas reminiscências da primeira infância pelas esquinas dos cinemas do bairro de Jaguaribe, na cidade de João Pessoa

PABX: (83) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

Correio das Artes. Uma publicação da EPC.

Av. Chesf, 451 — CEP 58052-010, Distrito Industrial, João Pessoa, Paraíba.



# João Câmara: 80 anos

## Uma mente artística incansável

Com mais de seis décadas expressando a sua vida na arte, paraibano permanece obstinado pelo ofício, buscando trabalhar tanto com as ferramentas tradicionais quanto com as tecnológicas, além de enveredar no meio das searas literárias

Alexsandra Tavares  
lekajp@hotmail.com

“Não sou muito reacionário. Também, não sou muito vanguardista, porque já tenho idade para não ser. Mas, admiro tudo, não tenho problema com a tecnologia. Tudo que é humano é interessante.”

Parar, jamais! Este poderia ser o lema do professor, escritor e artista plástico paraibano, radicado em Olinda, Pernambuco, João Câmara Filho. Com 80 anos de vida, completados em janeiro deste ano, ele segue atuante como um dos expoentes da arte contemporânea nacional, abarcando diferentes suportes e técnicas. Seja produzindo de forma tradicional ou com aparatos tecnológicos, sua obra materializa a versatilidade do renomado artista, que sempre está conectado com as novidades de cada tempo.







Em paralelo às artes visuais, ele ainda transita com presteza pela literatura, trazendo no currículo três somente de contos, fora os inúmeros catálogos de arte e publicações sobre exposições. As duas mais recentes foram lançadas em junho, durante a exposição *João Câmara 80 Anos: Pinturas Digitais*, realizada em Pernambuco. “A gente tem interesse de levar essa exposição de obras digitais para João Pessoa”, contou João Câmara, em conversa com a equipe do *Correio das Artes*, no casarão que resguarda a sua reserva técnica, em Recife. A mostra, que ficou aberta ao público entre os meses de junho e julho, no Museu do Estado de Pernambuco (Mepe), trouxe 85 pinturas em grande formato, produzidas ao longo das últimas décadas, além de quadros pintados a óleo sobre tela. Cada obra digital foi criada com o uso de programas de pintura eletrônica e, posteriormente, postas nas telas com tintas de pigmento.

O evento marcou os 80 anos de vida do artista, que comentou sobre a facilidade em trabalhar tanto com ferramentas tradicionais quanto tecnológicas. “Dou-me bem com as ferramentas físicas ou eletrônicas, não armo preconceitos quanto a elas. Paolo Uccello amava a perspectiva como a uma nova amante. Braque amava ‘a regra (régua) que corrigia a emoção’”, afirmou o artista.

Ele acrescentou que gosta de tudo e não tem complexo. “Não sou muito reacionário. Também, não sou muito vanguardista, porque já tenho idade para não ser. Mas, admiro tudo, não tenho problema com a tecnologia. Tudo que é humano é interessante”, afirmou João Câmara.

Bem-humorado, a conversa fluiu naturalmente na ampla sala do casarão situado na Rua das Pernambucanas, no bairro Recifeense da Graça. Entre as muitas histórias sobre a carreira e recortes da vida pessoal, ele revelou

que pretende visitar a capital paraibana, já que há quase 10 anos não rever a cidade onde nasceu.

O objetivo da vinda é relembrar os locais que estão na sua memória afetiva para dar suporte a um projeto literário que ele já começou a produzir, um livro de ficção que trará as impressões de João Câmara sobre as terras pessoenses. “Acho que faz uns oito ou 10 anos que não vou a João Pessoa. Já tinha até combi-



Entrevista foi realizada no casarão que resguarda a reserva técnica, documentação, amostragem e recepção de João Câmara

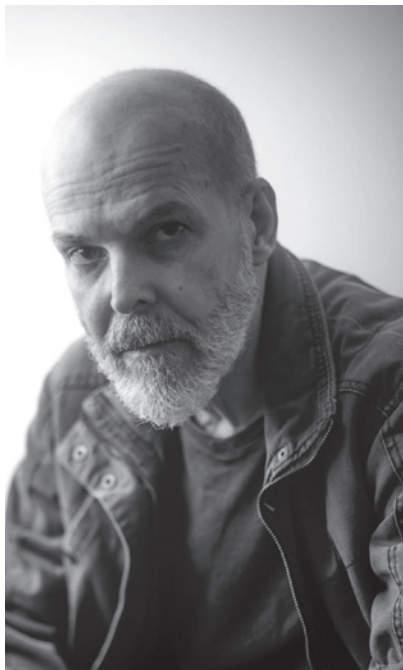


Há quase 10 anos sem rever a capital paraibana, nova visita de Câmara será para relembrar os locais que estão na sua memória afetiva, que será a base de um livro de ficção



nado com Weydson (Barros Leal) de fazer essa visita. Até o final do ano devemos ir, para rememorar e reafixar visualmente a cidade para esse projeto de escrita”, explicou o artista.

Weydson Barros Leal é um curador e poeta pernambucano. Na década de 1990, ele estava elaborando um texto para um caderno especial de um jornal sobre Francisco Brennand (1927-2019) e precisava de depoimentos de alguns artistas. Então, decidiu entrar em contato com João Câmara, pintor que há muito tempo admirava e sonhava conhecer. “Eu liguei para João e disse: ‘Aqui é Weydson Barros Leal, você não me conhece e tal’. Mas ele me deu uma recepção que, para mim, foi



Poeta e escritor pernambucano Weydson Barros Leal, curador da exposição “João Câmara 80 Anos: Pinturas Digitais”



Em 2004, o paraibano transferiu seu acervo para a Rua das Pernambucanas, no bairro da Graça, Zona Norte de Recife, local que havia pertencido aos escritores José Antônio Gonsalves de Mello Neto e Renato Carneiro Campos

uma coisa de amigos para sempre. João disse: ‘Claro que eu te conheço, cara, já li seus poemas e seus livros’. Aí, nos tornamos amigos, meio irmãos, sabe?”, contou ele, que foi curador da exposição dos 80 anos de Câmara.

Na mostra comemorativa, o artista lançou o livro de contos *A Caminho de Querétaro* (Topbooks Editora) e o catálogo de suas obras digitais, com texto de Weydson Leal, publicado pela

DG Design Gráfico e que leva o nome da exposição.

Em uma das páginas da obra, o curador dá uma dimensão sobre o que é o evento. “Esta exposição apresenta as novíssimas pinturas digitais inéditas, realizadas por João Câmara. São um passo além em sua obra e dentro da própria pintura contemporânea. Quase como o prenúncio de uma nova ‘escola de arte’, que não quer intimidade com a inteligência artificial (IA), embora possa ser confundida com esta.”

A longa convivência entre os dois, fez com que Weydson conhecesse ainda mais as potencialidades do artista plástico. Segundo ele, Câmara é uma dessas pessoas inquietas, curiosas, que, mesmo executando com excelência o ofício que abraçou desde jovem, nunca para de se informar, de buscar conhecimento, de produzir.

Para Weydson, “João é um caso raro de um artista contemporâneo, moderno, um artista

do século 21, que tem o espírito de um artista do Renascimento, como Leonardo, que tinha uma criatividade infinita para a pintura, para o desenho, para a escrita, para a invenção”.

“É uma pessoa de um espírito raríssimo, mais raro ainda porque todos nós temos muitos talentos. Porém, esse cara vai além e consegue chegar à excelência em alguns desses talentos, como o desenho, a pintura e a escrita. Ele, além de contista, é um crítico de arte. É uma mente incansável”.

Tudo leva a crer que a energia criativa de Câmara está mais forte do que nunca. Ele consegue dar andamento a mais de um projeto por vez. E, quando necessita de uma pausa na pintura — já que a prática exige esforço físico —, ele se dedica à literatura. “Você fica espantado como é que João já fez tanta coisa em uma única vida. Escrever é um trabalho intelectual extremamente pesado para os comuns dos mortais, mas, para um cérebro privilegiado como o dele, é uma coisa relaxante. Só um cérebro muito potente consegue descansar da parte física numa atividade intelectual. Isso é uma força impressionante”, comentou Weydson.

A produção do artista plástico e escritor segue sem interrupções. Como diz o poeta Weydson, a postura de Câmara diante do seu ato criativo se encaixa, no termo inglês *work in progress*, porque é um trabalho que não é interrompido.

Um exemplo disso, são os planos atuais do artista. Se por um lado, João Câmara planeja vir a João Pessoa ainda neste ano para reviver experiências na terra natal e dar continuidade à escrita do livro ficcional sobre o lugar onde nasceu, também se mobiliza com alguns amigos para trazer a mostra comemorativa dos seus 80 anos para a capital paraibana.





Câmara posando ao lado da obra "O Garçom-Coxo", acrílico e óleo sobre uma tela de grandes dimensões (205 x 240 cm) que foi criada em 2014, a partir de um restaurante de São Paulo: "A entidade coxo é o demônio"

## “O Garçom-Coxo”

Durante a entrevista em uma ampla sala no casarão do bairro da Graça, rodeado por telas coloridas, algumas de dimensões admiráveis, João Câmara começa a caminhar pelos cômodos do imóvel. Sempre bem disposto, começa a tecer comentários sobre algumas pinturas. Elementos da natureza, inspirações mitológicas, rostos e corpos femininos preenchem o conteúdo de vários quadros.

Uma das que chama a atenção pelo tamanho da obra e os tons em preto e branco, traz a figura de quatro pessoas bem-vestidas, sentadas em uma mesa de um requintado restaurante e um garçom com uma bandeja na mão, de pé, com uma postura desajeitada. “Essa pintura foi de um restaurante lá de São Paulo. É *O Garçom-Coxo*. A entidade coxo é o

demônio. Na mitologia, Vulcano, que morava nas profundezas dos infernos, era coxo. Todos os demônios são coxos e eu achava que esse garçom era coxo”, contou o artista, sorrindo.

Mesmo com mais de 60 anos no ofício, ele nem cogita interromper a prática da labuta que parece estar incorporada em sua mente, em seu corpo e em sua alma. Como disse o amigo Weydson, parece mesmo um homem incansável. “A gente morre em um cavalete. Isso não tem jeito, porque essa é uma atividade que tenho desde adolescente. Vivo com as unhas cheias de tinta, também escrevo, faço arte digital, aplico sintético, faço várias coisas. A aposentadoria é fatal, não dá muito certo, temos que trabalhar”, enfocou o artista.

**Sempre com o foco no trabalho e com as unhas cheias de tinta, João Câmara é direto: “A gente morre em um cavalete.”**



# Mais sobre a vida e biografia

O pernambucano João Landelino Dornelas Câmara Neto e a paraibana de Itabaiana Noêmia de Araújo Câmara tiveram três filhos: Divanise, Leônidas e João. O caçula, nascido em 12 janeiro de 1944, em João Pessoa, se enveredou pelas artes. Em 1952, a família foi morar no Rio de Janeiro por causa das obrigações do trabalho de Landelino,

mas, em 1959, fixaram residência em Recife, Pernambuco. Desde bem jovem, João Câmara Filho mostrou aptidão para o desenho, com isso, entrou para o curso livre da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), aos 16 anos.

“Eu entrei mais pela curiosidade de saber se o que eu desenhava me



Ao lado de um dos autorretratos que pintou ao longo das suas seis décadas de carreira

FOTO: LEONARDO ARIEL



Feminino como inspiração: “A mulher não é um objeto”

## Feminino como fonte

No campo das artes plásticas, João Câmara afirmou que está trabalhando em uma série de pinturas que destaca a figura feminina, uma inspiração que ele há anos aborda em seu trabalho.

“As mulheres não são a minha fonte de inspiração, mas sim o feminino, porque a mulher não é um objeto. Agora, o feminino sim. O feminino é um modelo e molde que me inspira e enleva. Morandi amava as garrafas; Turner, os navios; Portinari, os pés gigantes; Volpi, as bandeirinhas; Malevich, os quadrados. Cada artista escolhe um suporte temático para desenvolver sua pintura”, analisou.

Dentro deste contexto, ele contou que está pintando quadros de seis mulheres. Porém, diferentemente de outra série que desenvolveu sobre o tema e cujos títulos das obras eram de nomes curtos de mulheres (*Elza, Anna, Alma*), no projeto atual, as obras serão batizadas com títulos mais longos.

“São seis mulheres, cada uma com um temperamento diferente. Fiz uma série pequena, que era somente de mulheres com nomes de quatro letras. Agora, estou fazendo uns quadros de mulheres que são muito bem-vestidas. Todas elas têm títulos mais longos. É *Norma no dia do seu noivado*, enfim, são provocações narrativas coladas a imagens. O título vale tanto quanto a figura, para ter uma espécie de competição entre a evocação literária e o que é apresentado iconograficamente”.



habilitava a lidar com arte. Pensava em fazer Medicina, fiquei atrelado na pintura, para muita sorte dos improváveis pacientes”, contou Câmara.

Durante a aprendizagem no universo artístico, foi aluno de Laerte Baldini e Fernando Barreto. Ao longo da vida, adquiriu muito conhecimento sobre a profissão que escolheu para se dedicar, muito da aprendizagem fruto do autodidatismo e disciplina.

No início, ao demonstrar para a família que iria se enveredar pelo universo artístico, João contou que a reação dos pais não foi de euforia, mas também não houve reprimenda. “Não achavam que pintar fosse coisa muito grave a ponto de chamar psiquiatra ou polícia. Também não correram a me botar numa escolinha de arte, achando que eu tinha talento irrecusável”.

Com o tempo, ficou mais do que comprovado que o artista não poderia seguir outro caminho a não ser o que abraçara ainda na adolescência. Construiu uma carreira sólida e respeitada, tornando-se um dos ícones da arte contemporânea nacional e internacional. Participou, em 1963, da reins-

talação da Sociedade de Arte Moderna de Recife (SAMR) e, no ano seguinte, da instalação da Galeria de Arte, bem como do Atelier Coletivo do Mercado da Ribeira, em Olinda. Contribuiu com a instalação do Atelier 10, também em Olinda (1966), e da Oficina Guaianases de Gravura, em Recife (1974). Em paralelo à atividade artística, concluiu a graduação em Psicologia Aplicada (em 1968), na Universidade Católica de Pernambuco (Unicap).

Ao longo da trajetória, foram mais de 200 exposições realizadas, entre individual e coletiva, dentro e fora do Brasil. Mostrou sua arte em vários estados, a exemplo de Pernambuco, Ceará, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Brasília, Goiás e Pará.

No exterior, expôs em países como Alemanha, Estados Unidos, Japão, Inglaterra, Portugal, Chile, México, Colômbia, Argentina, Paraguai e França. Sua arte ainda está presente em museus brasileiros e do exterior. Um desses locais é o Panteão da Pátria, em Brasília, onde há um painel em óleo sobre tela sobre a Inconfidência Mineira, assinado por Câmara.

## Inspiração

Câmara contou que, no decorrer da caminhada, admirou os gigantes históricos, que o impressionaram e seduziram. Mas, depois passou a “admirar os pequenos mestres, os artistas que navegam ao largo do *mainstream*, os obsessivos, os singulares, os filmes, livros e ocorrências fora do foco mundano”.

Ao voltar-se para a Paraíba, vê grandes nomes ao longo da história; desde Pedro Américo, passando por Flávio Tavares e José Rufino. “A Paraíba teve Pedro Américo, que o escritor Thélío Queiroz Farias resgatou às luzes, em bom tempo. E teve Santa Rosa, Ivan Freitas, Jackson Ribeiro, Hermano Guedes, Antônio Dias. Há Miguel dos Santos, Flavio Tavares, Raul Córdula. Este notável José Rufino. Tantos mais...”, enfocou Câmara.

**No exterior, ele expôs em países como Alemanha, EUA, Japão, Inglaterra, Portugal, Chile, México, Colômbia, Argentina, Paraguai e França**







Cartaz assinado por Câmara para o filme "Guerra do Brasil" (1988), de Sylvio Back, peça publicitária que conquistou prêmio no Festival Latino-Americano de Cinema e Televisão, de Havana, Cuba

## Reconhecimento

O grande talento e dedicação às artes visuais lhe renderam inúmeros prêmios: integrou a representação brasileira à 3ª Bienal de Córdoba, na Argentina, e recebeu o prêmio instituído pela Bolsa de Comércio de Córdoba, em 1966; ganhou o Prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos

de Arte), em 1976; foi contemplado com o prêmio de Melhor Cartaz, no 9º Festival Latino-Americano de Cinema e Televisão, de Havana, com o cartaz para o filme *Guerra do Brasil*, de Sylvio Back, em 1988; ganhou o Prêmio Personalidade da Associação da Imprensa de Pernambuco, em

1995; conquistou o Prêmio Clarival do Prado Valladares, concedido em 2004 — *Trajectoria de um Artista* — da Associação Brasileira de Críticos de Arte, em 2005, entre outros reconhecimentos.

**"Uma boa biografia de artista deveria inventariar as obras que ele deixou de fazer, fosse por incapacidade ou por escolha."**

Atualmente, mora em Recife e tem um ateliê em Olinda.

Para se chegar a tal consagração profissional, os desafios ao longo do caminho tiveram que ser superados. Quando pequeno, "desenhava com invenção e graça, porém teve de desaprender os dotes naturais e seguir os protocolos do aprendizado do ofício". Após mais de seis décadas de profissão, a relutância é contra as limitações trazidas pelo tempo. "No começo da carreira, a energia e a velocidade vencem os obstáculos com total desprezo. Na maturidade, o artista volta a visitar os obstáculos com atenção, pois descobre que os problemas da arte residem naqueles barreiras ignoradas".

Diante de uma vida de conquistas, muito trabalho e talento, é inevitável perguntar se o cidadão e artista João Câmara se sente um homem realizado. A resposta, como sempre, vem inteligentemente. "Uma boa biografia de artista deveria inventariar as obras que ele deixou de fazer, fosse por incapacidade ou por escolha. Nesse campo de conjecturas, neste museu virtual, exibir-se-ia a exposição ideal e desejosa do artista, algo que ele gostaria de poder ver e mostrar".

"Painel da Inconfidência Mineira" no memorial Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília (DF)





# Memórias da terra natal

Apesar de ter saído de João Pessoa com a família, por volta dos oito anos de idade, para morar no Rio, João Câmara tem inúmeras recordações da cidade onde nasceu. Muitos desses momentos estão registrados em suas obras e rementem à primeira infância, quando passeava pelo Parque Solon de Lucena, nas proximidades do Lyceu Paraibano (ficava viajando pelas batidas que ele mesmo promovia quando encostava o ouvido no cano de ferro da mureta do colégio) e pelo Parque Zoo Botânico Arruda Câmara, a Bica.

A convivência com a terra natal não foi longa, porém ficou fixada na mente do artista, sobretudo, momentos lúdicos. Em outro momento, já depois de adulto, ele manteve contato com a capital paraibana quando trabalhou como professor do Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que funcionava em um prédio no Centro. Durante dois anos, fez o percurso de Pernambuco para a Paraíba, para lecionar. “Você passando duas vezes por semana, por cerca de dois anos, no mesmo caminho, já passa a decorar até os buracos da estrada. Aquele buraco é da entrada de Gramame e aquele é de Goiânia”, brincou.

A orla pessoense também faz parte das recordações do artista, que conheceu a Praia do Poço quando ela era de-

FOTO: LEONARDO ARIEL



Apesar de ter indo embora criança da capital paraibana, Câmara tem diversas lembranças, principalmente do Centro e da orla

serta e também Areia Vermelha, situada na Região Metropolitana de João Pessoa.

Já adolescente, João Câmara manteve visitas esporádicas à capital paraibana, mas os interesses já eram pelas pessoas do círculo artístico-literário e pelas “farras do Bambu Bar”, na Lagoa.

“O terceiro momento de lembranças de João Pessoa, a gente poderia dizer que foi num momento retrospectivo, interno, pessoal e subjetivo, da lembrança que é retrabalhada e reprocessada. Então, tem muito disso no meu trabalho. Eu me lembro de um quadro que retomei numa obra digital, que chama-se *A Casa dos Loucos na Festa das Neves*. Então, a primeira, em óleo sobre tela, da coleção Roberto Marinho, foi chamada de um jeito engraçado, acho que o redator não entendeu e colocou *A Festa dos Loucos na Casa das Neves*. Podia parecer que era do presidente Tancredo Neves, mas não era”, relatou João, aos risos. “Também, ninguém imagina bem o que é a Festa das Neves, na Filipeia de Nossa Senhora das Neves, não é?”.

## “Filho da tradição nordestina do Modernismo”

“João Câmara é filho da tradição nordestina brasileira do Modernismo”. A afirmação é de Dyógenes Chaves, artista visual, curador e membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA). Segundo ele, nesse recanto do Brasil, foi muito mais evidente a “figuração modernista” do que em qualquer outra região, já que o Centro-Sul sempre absorveu as mudanças da arte de uma forma geral. Uns dos exemplos foram a Semana de 22 e a Missão Francesa, que chega com a família imperial no início do século 19.

“Então, naturalmente, a partir de lá (Centro-Sul) é que se expande para outras áreas do Brasil. E a gente, no Nordeste, sempre teve uma tradição muito forte da figura humana, também na paisagem, na pintura de naturezas mortas. E João Câmara é filho disso. Só que ele é um dos melhores artistas nordestinos dessa corrente, vamos chamar assim, de filhos do Modernismo, de pessoas que absorveram essa relação um pouco moderna, porque foge dessa pintura ingênua, que veio com o cordel. João não fica restrito a uma obra óbvia, ou seja, da representação humana, ele vai além”.

Segundo Dyógenes, quando Câmara exerceu a função de professor na UFPB, nos anos 1970, já havia publicado um livro sobre técnica de pintura, ou seja, já era “um profissional erudito”, no aspecto da arte.





João Câmara não fica restrito a uma obra óbvia, da representação humana: ele vai além, segundo a visão do artista visual e curador Dyógenes Chaves

Outro ponto importante desta fase é que João foi um dos responsáveis pela criação da Oficina Guaianases de Gravura, em Olinda.

“Ele conseguiu com Adolpho Bloch, da TV Manchete, um caminhão de pedras litográficas, que é uma pedra calcária que não existe no Brasil, é importada. Essas pedras foram doadas à Oficina Guaianases. A partir daí, ele conseguiu construir uma enorme produção de gravuras em litografia. Portanto, sua obra é muito diversificada”.

A pintura de João Câmara, porém, não tem apenas o aspecto representativo. De acordo com Chaves, ela traz a questão social, que se apresenta mais fortemente do que o erotismo, pois “é um artista que questiona muito o tempo em que vivemos”.

O artista plástico Flávio Tavares também reconhece que o acervo de Câmara traz o teor de crítica social e política, mas também, por sofrer várias influências da sociedade — desde o cinema, a música, os saraus, a literatura, o artista trabalha de maneira diversificada, fala do hoje e do ontem, é lúdico e, ao mesmo tempo, não deixa de ter um olhar atento para os movimentos de cada época.

“João Câmara é um pintor narrativo, que faz uma narração do que está acontecendo, uma pintura descritiva. Independente de uma estética maravilhosa, tem uma estética contemporânea, do figurativo contemporâneo. Se baseia muito numa literatura que vem de Balzac aos dias de hoje. Muitas vezes é nostálgico, vai ao passado e vem ao presente. Ele está na época do

zepelim, na época das praias, dos mangue, ele pinta a Lagoa de João Pessoa de forma magnífica e abordou também, por muito tempo, a Inconfidência Mineira”, declarou Tavares.

Entre os trabalhos de Câmara voltados ao contexto social, Flávio recordou de uma pintura em que o artista faz crítica à modernidade comercial, usando símbolos do McDonald’s misturado com indígenas “Ele faz a alusão a John Kennedy num bar, tipo cabaré, tocando sax com Gorbatchov. Ele entra também na literatura, fala de gregos e romanos, tem uma imaginação de uma criança e, ao mesmo tempo, a maturidade de um grande mestre”, reforçou Tavares.

Sobre o teor político em suas obras, o próprio Câmara afirmou que não tem vocação social ou religiosa para a militância política ou social. “Mas reconheço que a pintura figurativa — que é o que faço — roça e se atrita inevitavelmente com a política, seus arquétipos e epifenômenos. Vivo essa batalha contingente, portando, este simulacro de arma que é a arte”.

Artista visual Flávio Tavares em visita à mostra sobre os 80 anos do conterrâneo, em Recife: “Câmara é um pintor narrativo”





## Surrealismo

Ao discorrer sobre o tratamento dado por João Câmara à obra de arte, Flávio Tavares comentou que o pintor propõe uma estética surrealista, porém trata-se de um realismo fantástico como o de Gabriel García Márquez e Jorge Luís Borges, que abordam universos metafísicos. “Ele tem uma verve, em termos da linguagem plástica, que é realmente uma narrativa teatralizada porque, na tela, o quadro é o centro, como se fosse a boca do palco de um teatro. Ele agrupa as figuras em um centro e a gente está assistindo aquela peça”.

Um dos vieses da carreira de Câmara que ele destacou foi o fato de nunca ter tido uma “queda na estética”, uma vez que é comum os artistas enfrentarem crises. A explicação para essa constatação, seria o fato de João nunca deixar de se dedicar à estética e aos estudos.

Flávio Tavares foi um dos visitantes da mostra *João Câmara 80 Anos: Pinturas Digitais*, realizada no Mepe. “Essa exposição foi uma das mais importantes que eu já vi na minha vida. Estou falando nela, porque esse trabalho faz um resumo da obra dele da última década e tem também pinturas sem ser digital, que são lindas. Ele tem um carrossel de gente andando por mundos diferentes, é um caleidoscópio de delírios, de coisas, de cores e vai muito além do que estou falando”, frisou.

De acordo com Tavares, Câmara plantou uma estrutura estética semelhante a que Picasso fez na história universal da arte. “Hoje, quando você vê alguém fazendo uma arte que tem essa estética distorcida na anatomia humana, aí você diz que parece com Câmara. Ele é um dos nomes mais importantes da arte plástica do Brasil e não há como falar em arte contemporânea sem mencionar o nome dele”.

“Infelizmente, a gente nunca conseguiu fazer uma grande mostra dele na Paraíba e acho que a contribuição maior que o Estado poderia fazer, era organizar, exatamente, uma exposição comemorativa aos 80 anos pela importância de João Câmara na arte brasileira”, sugeriu Dyógenes Chaves.



### Série em três atos

Apesar de compor um grande repertório de obras não seriadas, no trabalho de João Câmara destacam-se três grandes séries temáticas de pinturas e litografias: *Cenas da Vida Brasileira* e *Dez Casos de Amor e uma Pintura de Câmara* — produzidas entre 1974 e 1983; e *Dois cidades*, iniciada em 1987 e concluída apenas em 2001.

A primeira conta com 10 pinturas e 100 litografias; já a posterior é composta por diversas litografias, um tríp-

tico, 10 pinturas, 70 gravuras, 22 montagens e três objetos. A última apresenta 38 pinturas e 18 objetos.

Observando atentamente a cronologia das produções, foram quase 30 anos dedicados a esses três relevantes trabalhos. Porém, o que atrai o artista à pintura seriada? “Sou um trabalhador muito metódico, pode não parecer. Porque a minha figuração é um pouco fragmentária, tem muito jogo de imaginação,





Câmara propõe uma estética surrealista, que abordam universos metafísicos, remetendo a um realismo fantástico como o do colombiano Gabriel García Márquez e o argentino Jorge Luis Borges

porém sou calculista nesse sentido de que programo os meus projetos”, contou João Câmara.

Em *Cenas da Vida Brasileira*, série compacta com começo, meio e fim, surgiu a partir de um convite de Rubens Ricupero, em 1973, que era conselheiro do Itamaraty. Ele queria que Câmara representasse o Brasil em um evento em Veneza. “Então, comecei a fazer essas obras sobre o período Vargas para isso. Mas o Regime Militar cortou as minhas expectativas de representar o Brasil, me botou no índice, de

modo que não fui. Mas, continuei a série. Foram 10 grandes painéis e 100 litografias. As litografias comentam as pinturas e ampliam a iconografia. Então, elas tratam da minha memória política, basicamente da minha infância política”, relatou Câmara.

Em *Dez Casos de Amor e uma Pintura de Câmara* há obras em que o autor paraibano está presente à confecção da obra, ele usa as mulheres e os casais como avatares para a construção da pintura. Assim, ao invés do espaço histórico, o artista

adota o espaço íntimo. “É uma pintura de câmara, é um trocadilho na pintura de câmara”.

A última série, *Dois Cidades*, trata do espaço externo e representa a história de Recife e Olinda, o confronto das cidades pernambucanas com temperamentos e topologias diversas. “É uma cidade de colinas e uma estuarina, portuária, que determina um tipo de temperamento diferente. Então, são três histórias contadas, mas com uma planificação e uma escolha de espaços e escolha temática”.



# Um banquete para poucos

Além de ter publicado vários catálogos de exposições e livros sobre pintura, João Câmara também assinou três livros de contos: *Abishag Hospede Inevitável* (2012), *Lidando com o Passado e Outros Lugares* (2022) e *A Caminho do Querétaro* (2024). O escritor e jornalista Mário Hélio foi o responsável pelo prefácio do título mais recente e afirmou que, na obra, há “um jogo muito inteligente feito pelo autor, em que a História e a Imaginação se conectam como unha e carne”.

“A começar do primeiro conto, que dá título à obra. O comentário do personagem central, situando-se numa foto, constrói um extraordinário *mis-em-abîme*, e isto se sustenta até o fim. Não conheço, entre os livros de contos lançados nos anos recentes um resultado tão inteligente, erudito e lúdico, ao mesmo tempo, que esse realizado por João Câmara”, declarou Hélio.

De acordo com ele, o livro é o irmão mais novo de autores do nível de um Flaubert e um Joyce, porque tudo nele é essencialmente escrita e imagem, porém, engendrando mais de uma dimensão. A publicação requer um público específico, sendo adequada aos leitores

**Obra reúne contos que provocam diferentes sensações, conforme a história e o leitor: em alguns casos, as narrativas tocam os cinco sentidos.**

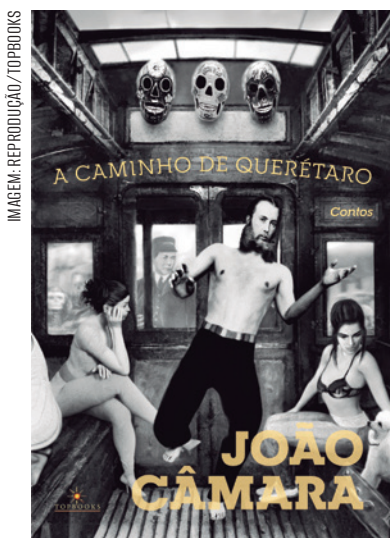


IMAGEM: REPRODUÇÃO / TOPBOOKS

Capa da coletânea de contos “A Caminho de Querétaro” (Topbooks), lançada neste ano



FOTO: LEOPOLDO NUNES / DIVULGAÇÃO

Escritor e jornalista Mário Hélio, responsável pelo prefácio de “A Caminho de Querétaro”

Para os interessados em boas histórias, ele deixou um aviso. “Se alguém quiser fazer uma analogia com uma comida, saiba que essas histórias são de alta cozinha, não fast-food, e somente são fruídas e entendidas com lentidão e concentração. Sabendo-se que esta última é uma mercadoria escassa

no tempo atual, certamente o autor tem consciência de escrever para poucos”.

A originalidade e a inovação estão presentes na obra que tem “marca própria”, pois é “personalíssima”, com histórias generosas para leitores do mesmo nível. “Um leitor atento, paciente e dedicado”.

Alexsandra Tavares é jornalista, editora do Jornal **A União** e repórter do Correio das Artes. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).





**Hildeberto Barbosa Filho**  
hildebertopoesia@gmail.com



# Memória e meditação

Em sua nova obra, Políbio Alves aparece na sua inteira plenitude e na trilha verbal de uma escrita que reúne o testemunho e a reflexão acerca da vida formal do texto e do texto essencial da vida

“Escrevo para não morrer de silêncio”, disse, certa feita, Políbio Alves. Esta frase me parece a chave de abertura de toda a sua obra ficcional e poética. Políbio Alves nunca foi de se acomodar ao conforto dos caminhos seguros, ao refúgio do gabinete de trabalho, à esfera das comodidades e das proteções. Seu jeito de ser, as atitudes de sua vida, sua maneira de lidar com o fenômeno da palavra estão sempre a revelar o ser inquieto, a pessoa inconformada, o autor rebelde que não aceita códigos e preceitos oficiais.

Este Políbio Alves, forjado na ambiguidade do ser e do fazer, aparece, aqui, neste *Outono: memorial da escritura* (João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, 2024), na sua inteira plenitude e na trilha verbal de uma escrita que reúne o testemunho e a reflexão acerca da vida formal do texto e do texto essencial da vida. A memória e a meditação se mesclam na tentativa de composição de um quadro que dê conta dos enigmas intrínsecos ao processo criador e como este processo criador se torna elemento decisivo no inadiável sortilégio de existir.



FOTO: CARLOS RODRIGO

Políbio faz uma espécie de balanço sobre o seu percurso de escritor em uma região que nem sempre o ato de escrever encontra as condições ideais



Aqui, não são os gêneros épico e lírico que o movem na edificação da escrita. Se a ficção tem espaço, sobretudo, no segundo capítulo (“Fotografando cadáveres em meio à pandemia de alusivas metáforas”), com a inserção de fragmentos de um romance, sua função me parece de natureza ilustrativa ou como exemplo da incursão teórica que a antecede. De outra parte, ao longo do texto, a dimensão poética se entremostra pelos interstícios das orações e dos parágrafos, como que salpicando o corpo da escrita com as componentes de sua aquática alquimia. Porém, sempre de modo pontual e sem que o apelo estético da linguagem possa apagar a luz mais forte e mais intensa dos vetores referências e metalinguísticos.

O que Políbio Alves faz aqui é uma espécie de balanço, uma espécie de catarse, uma espécie de depoimento sobre seu percurso de escritor numa região, o Nordeste, e num país, o Brasil, em que nem sempre o ato de escrever encontra as condições ideais e o contexto mais favorável para que o produto dele resultante, isto é, o livro, alcance e cumpra sua finalidade política e pedagógica.

Nos cinco capítulos em que a obra se distribui, aspectos da indústria editorial se associam a questões teóricas; as questões teóricas dialogam com tópicos de método; as tópicos do método se deixam invadir por fatores autobiográficos, por lembranças de ontem e de hoje, perfazendo-se, portanto, toda uma malha verbal que traz à tona, não o poeta nem o ficcionista, mas o memorialista e o ensaísta imbricados no compromisso de rever e pensar.

Tal gênero, com seu sabor íntimo e com seu gosto heterodoxo, tem certa tradição na literatura brasileira. Um José de Alencar (*Como e por que sou romancista*); um Graça Aranha (*O meu próprio romance*); um Nelson Werneck Sodré (*Memórias de um escritor*); um Autran Dourado (*Poética de*

*romance, matéria de carpintaria*); um Osman Lins (*Guerra sem testemunhas*); um Affonso Romano de Sant’Anna (*Como se faz literatura*); uma Julieta de Godoy Ladeira (*O desafio de criar: o sonho e o chão da palavra literária*); um Frei Beto (*O ofício de escrever*), e um Cristóvão Tezza (*O espírito da prosa: uma autobiografia literária*), entre outros, parecem confirmar sua linha de força e se abastecer, também, do exercício levado a termo pelo escritor paraibano, com este *Outono: memorial da escrita*.

Cada um, à sua maneira e atento a seus interesses literários, procura refletir, de partida, a respeito do metabolismo das palavras no interior do texto, num esforço investigativo que sonda as possibilidades da técnica, o valor do estilo, o peso das figurações retóricas, os desafios temáticos e ideológicos, ao mesmo tempo em que se analisam os ingredientes externos da vida literária e do contexto histórico e social.

FOTO: ROBERTO GUEDES



“Outono: Memórias da Escrita” aborda o fazer literário e também é um relato da formação do autor como escritor e cidadão

**Toda uma malha verbal traz à tona não o poeta nem o ficcionista, mas o memorialista e o ensaísta imbricados no compromisso de rever e pensar.**



Tudo isto faz com que o leitor se depare com a personalidade do escritor e não com o universo imaginário de sua obra. Não com seu narrador nem com o seu eu poético, mas com a figura física e real que fala de si mesmo, que descortina o seu “desnudamento do processo”, que mensura e problematiza a validade de sua própria criação. Enfim, a figura humana ou o cidadão diante dos dilemas gerais da sociedade.

Se o primeiro capítulo (“Sob um tear ambíguo se reinventa sobranceiro manuscrito”), colado à luminosa epígrafe de Marguerite Duras, proporciona um intenso mergulho nas teias do texto, fazendo-se uma espécie de escavação teórica e metalinguística por dentro de seu metabolismo estético e das suas origens plurais e semânticas, o segundo (“Da leitura à escritura: impulso migratório de pungentes imagens”), põe o método de escrever em discussão, principalmente a partir de três enunciados básicos, a saber: a) “Escrevo apropriando-me das artimanhas no devasso rastro das palavras”; b) “Escrever: paixão maior e indomável”, e c) “Emblemáticas confissões”.

“Escrever”, salienta o autor a certa altura das reflexões, “permanece sendo meu escudo e nobreza. O exercício de ser e existir, insólito, proibido, maldito, me transforma num visionário”. Em outra clave meditativa, confessa que não quer “ser limitado pela rigidez de um código normativo”, pois não o satisfaz, na qualidade de escritor e poeta, “valorizar impositiva súmula de adestramentos”, uma vez que escreve para não “enclausurar a consciência crítica do coletivo” e não ludibriar “a si mesmo nem suspeitar dos demais”. Sua família literária reúne nomes, como Baudelaire, Rimbaud, Gide, Lorca, Rilke, Camus, Joyce, Hemingway, Faulkner e Adolfo Bioy Casares, entre os de fora, e entre os de casa, Aufran Dourado, Caio Fernando Abreu, Rubem Fonseca, Clarice Lispector,



**“Escrever”, salienta o autor a certa altura das reflexões, “permanece sendo meu escudo e nobreza. O exercício de ser e existir, insólito, proibido, maldito, me transforma num visionário”**

tor, Samuel Rawet, Nélide Piñon e Dionélio Machado.

A estes componentes de ordem estética e psicológica que atuam na sua formação de escritor, somam-se vivências de natureza extraliterária no plano mais duro da realidade política e social, desenvolvidas no quarto e quinto capítulos (“No interior dessas coisas, abissal desterro da memória” e “As garras da pluralidade pedem carona nas acendalhas das palavras”). Aqui, Políbio Alves assume voz testemunhal, retomando episódios históricos que refletiram na sua subjetividade, sobretudo se pensarmos nos anos de chumbo dos idos de 1968, como também pincela, em páginas comoventes, sua trajetória geográfica, desde os mangues lodosos e escuros do Rio Sanhauá às veias e artérias das avenidas cariocas de nublados tempos.

O tom documental e informativo prevalece, embora a cadência reflexiva, presentes de maneira dominante nos capítulos anteriores, não desapareça de todo. Na verdade, o autor de *Varadouro* mescla, na pauta estilística, as singularidades de cada discurso e ousa, no território de liberdade do exercício criador, adentrar os sortilégios da expressão íntima, do libelo acusatório contra o cinismo da sociedade e a indiferença do mundo.

Pelo que digo, sinto que estou diante de um texto autobiográfico e memorialista, uma confissão que não teme as palavras e as possíveis verdades que elas podem revelar, mas também diante de um texto que medita e reflete acerca do papel do escritor e dos valores decisivos da literatura para a formação do homem. Falando de si e se buscando a si mesmo, nas fronteiras do texto e nas narrativas da vida, Políbio convoca novas luzes para a compreensão de sua trajetória vocabular, da sua luta diuturna com os enredos enigmáticos da palavra, dos lances contraditórios da vida literária, assim como também abre um leque possível para compreendermos melhor o absurdo que nos cerca, a injustiça social, a violência dessa época sem definição nem utopias.

Escrito em linguagem simples, com múltiplas referências culturais e detendo diversas aberturas no campo da significação, *Outono: memorial da escritura* confirma, na escala ensaística, dotada de virtualidade crítica e capacidade exegetica, a presença do escritor que se apresentou, primeiro, como ficcionista e poeta. Por isto, sua dicção, aqui, se não sugere, tocando a sensibilidade e a imaginação que a estesia pede na sua rigorosa e intrínseca exigência, pensa, recorda e medita.

**Hildeberto Barbosa Filho** é poeta e crítico literário. Mestre e doutor em Literatura Brasileira, professor titular aposentado da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL). Autor diversas obras no campo da poesia, crítica, crônica e ensaio. Mora em João Pessoa (PB).





## Água Fria

Didier Guigue

Especial para o *Correio das Artes*

Não era para ser assim. Não era para nunca mais um homem, desencantado como eu, ter passado um dia sequer sem que ela surge do nada na minha mente. Sem pressentir ela em momentos ou locais, ou situações quaisquer. Sem pensar em tudo que houve. Às vezes até em tudo que poderia ter havido. Vinte e oito semanas e alguns dias de agonia. Não era para ser um apaixonamento tão abrupto. Não era para eu sofrer tal fascínio. Não era para admirá-la tanto, incondicionalmente. Porque também não era para ela ser tão surpreendente. Tão harmonizada, sintonizada, propositiva. Tão deslumbrante.

Bem que Sabrina falou. Nossa conhecida em comum. Ela e Sabrina eram *crush* de Instagram. Sabrina recebia mensagens em separado de mim e dela. Ambos falando com o mesmo entusiasmo do outro. Da empolgação. De achar incrível. Da beleza dos instantes compartilhados. Comunhão em coisas de arte, de música, de quase tudo.

A magia de um simples passeio de bicicleta até o farol, ali na ponta. A facilidade, a simplicidade. E o tesão.

“Como se esse dia fosse o dia D  
Como se essa hora fosse a hora H”

Escrevo “ela”, mas também a chamavam por aí de “ele”. Só que não vou estragar a sonoridade dessas linhas usando o tal neutro. No dia em que conhecerei pessoas não binárias que usem o neutro nas suas

conversas por aí nos botecos ou padarias, me convenço e usarei também. Enquanto isso, deixo este jargão para *us colegas acadêmiques*. Do lugar onde a conheci, vi e vivi, ela era mulher, incontestavelmente. Comigo, era indubitavelmente ela. Nos momentos do sexo, ejaculava, em descomunal quantidade, um sumo branco-leite espesso e abundante. Gozava, muito, no feminino. Nesses momentos, eu quem era dela.

“Com você, eu sou, sim, mulher. Me sinto, me arrumo, me comporto como mulher. Mas vá me ver lá em casa de bermudão. Quando estou comigo mesmo, não consigo me sentir mulher. Nem homem. Não tem nada a ver com gênero, com sexo.”

Não teria mudado nada se tivesse pedido que eu o tratasse por ele. Não me importo. Ou melhor, me importo que ela, ele ou *elu*,



seja o que bem quiser, o que bem sente. Por ora, vou prosseguir o tratamento no feminino, já que foi assim que fomos, ela, uma mulher e eu, um homem.

“Sim, somos um casal, né?” — ela confirmando ao responder a uma dúvida minha, a gente de braço dado na saída do Garden — depois que descobriu este restaurante, nunca mais quis conhecer outro.

Eu perguntava isso em momentos onde sentia a necessidade de nomear aquilo que estava acontecendo — como se tentar rotular uma relação como a nossa tivesse alguma serventia.

Enfim, para todos os efeitos, somos um casal hétero. Ou seja, duas pessoas de sexo diferente que se amam e transam. Para que escrever uma ficção a partir de algo tão batido?

Amo quando reforça sua androginia latente. Por vezes patente. Cabelo loiro curtíssimo, à la *garçonne*, um rosto do qual consegue endurecer as expressões, apesar do seu desenho angelical, roupas masculinas desengonçadas, *oversized*, que não moldem o corpo como os trajes femininos geralmente fazem questão de moldar. Amo quando, na rua ou em lojas, a chamem de “o Sr.” Amo os olhares atravessados sobre este casal — um velho e um rapaz meio afeminado. “Ou será uma moça mesmo?”, quem sabe uns devem se perguntar. Por isso talvez que tínhamos acabado, sendo um casal notável no Garden, a recepcionista sempre nos privilegiando na fila e querendo bater *selfies* para postar. E esposas taciturnas de maridos cansados nos olhando de soslaio das suas mesas.

Querem saber como ela se parece? Vão ver Milena Smit no filme *Mães paralelas*, de Almodóvar. O corte e a cor (tingida) do cabelo, a alvura, as pernas infinitas, o jeitão de andar... A cada cena com ela, um refluxo fulgurante de dor no meu peito. Uma fachada. Não irei assistir

mais nunca filme que anuncie esta atriz no elenco.

A bem da verdade, ela não “deveria” fazer “meu tipo”. As amigas, os amigos (eu não recordo ter *amigues*) se surpreendem com esta relação que sai dos padrões que eles acham que sigo, ou teria que seguir para ser coerente, quanto ao tipo de pessoa com o qual me amarro. Não levam a sério eu estar namorando alguém de gênero indefinido, de corpo retilíneo, transparente de tão alva (“Tu namora aquela albina?”, me perguntou certa vez Tatiana). Não suspeitem nem um grama do peso do apaixonamento que vivo. Menos Sabrina, que aparentemente me desvendou bem.

“Ela é muito você. Você é um romântico, sempre *in love* com mulheres maravilhosas”.

Talvez falou isso por referência própria, pois bem, sabe o quanto me apaixonei por ela, Sabrina, quando a conheci, na deslumbrante áurea dos seus 20 anos. Sempre procuro deixar explícito meu interesse, sou educado na expressão dos meus sentimentos, mas não tímido. Me joga. Porém, Sabrina não é de homens, então a paixão se viveu e perdura em amizade. Deve ser por ela ter este olhar lésbico que acertou na percepção. Sabrina nunca iria percebê-la como rapaz. Para ela, como para mim, ela é uma “mulher maravilhosa”.

Não era para ser assim. Não era para nunca mais um homem desencantado, como eu, ter passado um dia sequer sem que ela surge do nada na minha mente. Sem pressentir ela em momentos ou locais, ou situações quaisquer. Sem pensar em tudo que

houve. As vezes até em tudo que poderia ter havido. Vinte e oito semanas e alguns dias de agonia. Não era para ser um apaixonamento tão abrupto. Não era para eu sofrer tal fascínio. Não era para admirá-la tanto, incondicionalmente.

“Como se fosse a última mulher  
Como se o mundo fosse acabar  
Como se esse dia fosse o dia D  
Como se essa hora fosse a hora H”

Não era para ela ter sumido após falar coisas cruéis. Sobre o presente. Sobre nós, sobre ela, sobre mim. Sobre minha fome dela, e o sentimento de se sentir compelida a saciá-la, tendo que muitas vezes contornar uma escassa libido.

E sobre a depressão que a provocou, esta perda, entre outros transtornos. Sobre o futuro obscuro, senão fechado. A desesperada luta para manter o gosto pela vida.

Sobre a adolescência, sobre um casamento prematuro e abusivo. E finalmente, muitas horas depois, sobre a sua mais tenra infância, coisas duras, hediondas, definitivas. Onde resultaria o insuperável divórcio entre o afeto e o corpo. Entre a vontade de viver e o desgosto de ser.

Não era para ela ter desaparecido. Não era para ela ter sido encontrada daquele jeito assustador pela sua companheira de morada, no banheiro daquele pequeno apê que dividiam no bairro de Água Fria. Achei totalmente desnecessário.

Mas quem sou eu para reter alguém.

(Versos: trecho da letra “Você só quer me comer”, de Jarbas Bittencourt)

**Didier Guigue** é nascido na França e mora em João Pessoa, onde lecionou na UFPB, na área de Musicologia. É pesquisador no CNPq. Seu livro “Estética da Sonoridade” (2011), é uma referência no seu campo. Em 2023 publicou, em colaboração com Helayne Cristini, o romance “O Som de quem de ama”. Também é compositor e produtor.



**Manhãs***Para Pretinha*

Toda manhã é um passo  
para a escuridão  
tenha sol queimando pedras  
torrenciais tempestades  
cheiro bom de café coado  
grandes expectativas

Toda manhã é um passo  
para a morte  
com crianças nascendo em sorrisos  
viagens programadas  
doces delícias, prazeres  
promessas nunca cumpridas

Toda manhã costura  
em silêncio  
a mortalha que usaremos  
tecida em sonhos, deleites  
fê e esquecimento  
nos sóis e chuvas e grandes expectativas

Toda manhã é uma armadilha  
na qual caímos inexoravelmente  
e da qual saímos plenos de esperança  
com um passo a mais  
em direção à sepultura.

**Beneditino**

Ainda trabalho  
e teimo e limo  
e sofro e suo!  
Não há outra maneira,  
forma, jeito  
Não há alternativa  
caminho fácil

A arte exige a carne,  
a alma, a calma,  
a consciência  
o espírito em fiapos,  
a não condescendência  
ou não é arte, é outra coisa  
que não se confunde  
com o verso, com a harmonia,  
com a pincelada  
não revela a expressão ali talhada  
na frieza da pedra  
na maciez do linho  
na rigidez da linha  
de espanto e encantamento  
no fantasma do estranhamento.

**A criação**

*Deus existir  
ou não: o mesmo  
escândalo*  
Orides Fontela, “Teologia II”

O que será da carne imune à crença?  
Daquele cuja fé não tem Senhor?  
De quem segue seu rumo sem as bençãos  
do etéreo sagrado em seu andor?

Se não há Deus, e creio que inexistente  
um ser supremo acima das esferas,  
quem nos protegerá de um mundo triste?  
Talvez outra credence, outra quimera.

Pois se não há pecado ou salvação  
não há tampouco danação ou medo  
Fazer da liberdade uma oração  
tarefa do liberto em seu degredo

O que será de nós sem Deus por perto  
ou mesmo longe? O que será da gente  
sem a certeza de que um ser incerto,  
pra muitos, mais que certo, é certamente

um velho sem passado e sem futuro  
que se vendo num gigantesco tédio  
tornou-se um arquiteto de mil mundos  
o universo inteiro o seu remédio

Se Deus existe e a tudo assiste atento  
verá o que nos vai na consciência:  
a dor de mergulhar nesse tormento  
de cogitar a sua inexistência  
E saberá que mesmo duvidando  
que tudo veio da grande explosão  
nós seguiremos sempre acreditando  
que ele é nossa maior criação

**Ode aos loucos**

Bem-aventurados os loucos  
e seus catálogos ensandecidos de delírios  
que caminham pelas ruas  
sem passado e sem destino  
sob a chuva, sob a névoa,  
ao sabor dos ventos e da fumaça  
ouvindo vozes, em silêncio.

Bem-aventurados os espíritos insanos  
e o tropel de bestas invisíveis  
que transparece em seu olhar em fúria  
quando cavalga a lua e seus dragões  
nas noites de todos os dias ensolarados  
no sol da noite mais escura  
uivando estranhas melodias

Bem-aventuradas essas almas inquietas  
que bailam como folhas de outono  
girando, secas, sem rumo sobre o asfalto  
e que riem do que não vemos  
e que choram por tudo ou nada  
e que fustigam velhos fantasmas

Bem-aventurados esses andarilhos  
que, alheios ao carro da História,  
às estruturas e aos engenhos,  
às rezas e pragas e superstições,  
às guerras, às ameaças, ao holocausto,  
tecem suas vidas únicas e desprezadas  
na calmaria típica dos solitários.

Bem-aventurados os aluados,  
os alienados, todos os malucos  
que salgam a terra com seus passos  
sempre condenados à solidão do arbítrio  
e à lógica peculiar dos insensatos  
que, ao final, os salva do olvido  
nos desvios e nos atalhos  
nos mergulhos e nos saltos.

Bem-aventurados os visionários  
e seus sonhos assustadores, formidáveis  
que abrem portas, fazem pontes  
que iluminam e nos encantam  
quando se imolam em praça pública  
sem receio, pudor ou vaidade  
sem medo algum de nenhum deus  
sem culpa, sem pecado, sem juízo  
e sem maldade.



# meida Filho



## Outro cogito

Disseram-me que existo por que penso  
Acreditei na história e andei pensando  
Que talvez falte aqui algum bom-senso

Pois não existo quando estou amando  
Sou puro desejar que se propaga  
Por outro coração, se derramando

Espécie de fogueira que se apaga  
Quando esse amor se vai, desaparece  
Eu que não existia e nem pensava

Enquanto amava, sei que me apetece  
Ser mais que pensamento, mais que amor  
Existo por que tudo me acontece

No campo do desejo, gozo e dor  
Talvez seja essa a nossa humana sina  
A de existir além do estupor

De saber que a verdade cristalina  
Da existência é mais do que se ensina.



ILUSTRAÇÃO: TÔNIO

Leonardo Almeida Filho é professor, escritor e músico campinense, que reside em Brasília. Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília (2002), publicou diversas obras, além de contos, crônicas e poemas em antologias, revistas e jornais.



# Amizades literárias

Francisco Gil Messias  
gmessias@reitoria.ufpb.br

Foi o próprio Affonso Arinos de Mello Franco, em entrevista a Homero Sena, que expressou o desejo de escrever uma história das amizades literárias no Brasil. Não chegou, entretanto, a realizar o projeto, por alegada falta de tempo, o que é uma pena.

Era um belo projeto e certamente teria resultado num belo livro, de tema ainda não explorado entre nós. As amizades literárias. Ou seja, a amizade entre escritores. Mas não uma amizade qualquer, simples relacionamento social sem profundidade. Não. Aqui estamos falando, óbvio, de grandes amizades, de amigos que são verdadeiros irmãos e, não raro, até mais, uma vez que tem muito irmão distante, infelizmente. E ninguém melhor equipado, na cultura e na sensibilidade, para estudá-lo que Affonso Arinos de Mello Franco, um dos ápices humanos que a nossa jovem “civilização brasileira” já produziu.

Ao longo do tempo, sabe-se, muitas foram as grandes amizades literárias e intelectuais. Poder-se-ia talvez citar a de Platão e Sócrates, discípulo e mestre na antiga Grécia, tão próximos que o primeiro, dando voz ao segundo, que nada escreveu, assegurou-lhe a imortalidade filosófica. Não fossem amigos verdadeiros e quem sabe Platão teria se apropriado dos ensinamentos de Sócrates, apresentando-os como seus. Tudo é possível, como escreveu Machado de Assis.



Diplomata, escritor e político mineiro Affonso Arinos de Mello Franco (1930-2020) tinha expressado o desejo de escrever uma história das amizades literárias no Brasil

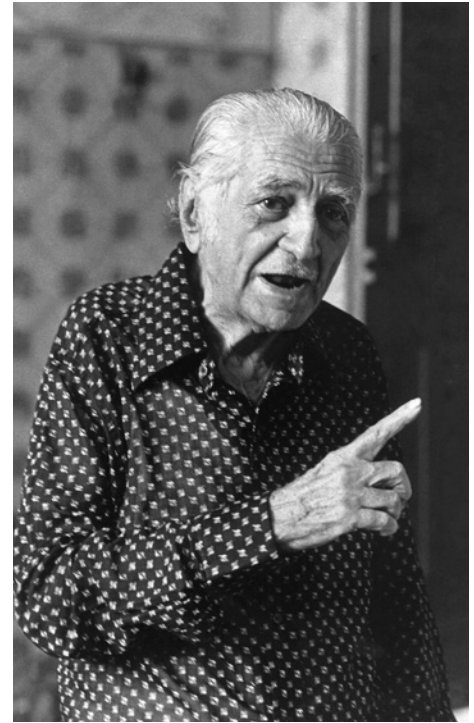
FOTO: GUILHERME GONÇALVES/ABI/ DIVULGAÇÃO

Mas o fato é que uma das mais célebres amizades literárias de que se tem notícia é a que uniu Montaigne e Etienne de la Boétie, famoso autor do *Discurso sobre a servidão voluntária* e morto precocemente. Foram tão amigos, tão profundamente identificados, que não faltaram maledicentes a supor uma eventual relação homossexual entre ambos. Vejam só a força dos preconceitos. Homem não pode ser muito próximo de outro homem, porque aí já se instala uma suspeita. Mulher também não pode ser muito ligada a outra mulher, porque fatalmente serão vítimas de idêntica suspeição. Se assim é no mundo de hoje, imagine no século 16... Mas passemos a palavra a Montaigne, que escreveu nos seus *Ensaíos* sobre sua amizade com o amigo escolhido: “Procurávamo-nos antes de nos termos conhecido, e por informações que ouvíamos um sobre o outro, e que faziam em nossa afeição mais efeito do que a razão atribui a informações, creio que por alguma ordem do céu: abraçávamo-nos por nossos nomes”. O interessante é que a posteridade de Etienne talvez deva mais às louvações do amigo sobrevivente que à sua própria obra.

No caso do Brasil, que grandes amizades literárias poderíamos arrolar? Inúmeras devem ter existido, imagino. Algumas delas tornaram-se notórias, e são estas que lembrarei a seguir, imaginando que fariam parte do irrealizado projeto de Affonso Arinos.

Primeiro, a amizade do próprio Arinos com o poeta e romancista Ribeiro Couto, amizade publicamente — e reiteradamente — declarada pelos dois e reconhecida pelo filho de Arinos em diversos escritos. Sobre os amigos, assim escreveu o escritor





Da esq. para dir.: laços fraternos entre os escritores paraibanos José Américo de Almeida (1887-1980) e José Lins do Rego (1901-1957), e a camaradagem do expansivo autor de “Menino de Engenho” com o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre (1900-1987)

Antonio Olinto: “Feitos de estofos diferentes — Ribeiro Couto como poeta acima de tudo, Affonso Arinos como prosador na linha de Vieira —, ligou-os uma grande amizade que atravessou a história do Brasil ao longo de mais de 40 anos”. Já o poeta Couto, no longo poema *Cancioneiro de Dom Afonso*, escrito em homenagem ao amigo, declarou em versos “A ti, Afonso. Tu, primeiro. / — Primeiro que tu nunca fui”. E assim foram pela vida as recíprocas manifestações de amizade entre ambos.

Grandes amizades literárias foram a de Machado de Assis e José de Alencar, e a do mesmo Machado e Joaquim Nabuco. O bem-querer misturado à admiração e ao respeito. Alencar transmitiu a amizade machadiana ao filho Mário e este cuidou, filialmente, do Machado viúvo e doente dos últimos tempos. Nabuco, aos 15 anos de idade, já mantinha correspondência com o autor de *Dom Casmurro*. Aí não era então o amigo, mas o discípulo diante do mestre. A amizade que os igualou no afeto viria em seguida, ao correr do tempo, para durar enquanto vida tiveram.

Do mesmo modo foram as amizades entre José Américo de

Almeida e José Lins do Rego, e entre este e Gilberto Freyre. O expansivo Zé Lins certamente levou alegria ao austero José Américo, homem sério por natureza. E o senhor de Apipucos, vindo cheio de sabedorias do estrangeiro, ensinou ao jovem Lins do Rego o que este precisava saber para se tornar o escritor que veio a ser. Amigos pela vida toda. Assim descreveu o “menino de engenho” seu encontro com o futuro autor de *Casa Grande & Senzala* no prefácio que escreveu para o livro *Região e tradição*: “Começou uma vida a agir sobre outra com tamanha intensidade, com tal força de compreensão, que eu me vi sem saber dissolvido, sem personalidade, tudo pensando por ele, tudo resolvendo, tudo construindo como ele.”. O paraibano depois adquiriu *persona* própria, tornou-se autônomo do pernambucano, ergueu uma notável obra toda sua, mas, reto e leal, nunca deixou de reconhecer-lhe a decisiva influência e o permanente afeto.

Uma amizade imensa foi a dos “quatro mosqueteiros” Otto Lara Resende, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Hélio Pellegrino, todos mineiros, todos cariocas

por adoção, todos escritores reconhecidos. Amigos desde Minas Gerais, amigos para sempre. Encontravam-se, telefonavam-se, escreviam-se. Uma conversa sem fim. Inteligentes, espirituosos e bem-humorados devem ter sido os amigos que mais riram entre si, deles mesmos e dos outros. Otto foi grande romancista de mínima produção; Sabino foi essencialmente cronista, com obra extensa; Paulo Mendes Campos foi poeta e cronista; e Pellegrino escreveu poemas quase que bissextamente, psicanalista ocupado que foi. Todos cumpriram belamente o destino literário com que sonharam jovens na Belo Horizonte ainda provinciana de então.

Duas amigas: Clarice Lispector e Nélida Pinõn. Uma, nascida na Ucrânia; outra, filha de imigrantes da Galícia; ambas brasileiríssimas. Mas também cosmopolitas, cidadãs do mundo. Conheceram-se, frequentaram-se, conviveram muito. A segunda segurou a mão da primeira na hora da partida. Se não chegou a decifrar o enigma clariciano, Nélida certamente foi das que chegou mais perto dessa decifração. Ela e Lígia Fagundes Telles, outra grande amiga de Clarice.





FOTO: PAULO BERTAS/AGERVOIMS

Uma grande amizade dos mineiros que eram os "quatro mosqueteiros" (da esq. para dir.): Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Hêlio Pellegrino e Otto Lara Resende

Pode-se falar também na amizade de Alceu Amoroso Lima e Jackson de Figueiredo. Mas do que já li sobre ambos, não sei se estou errado ao afirmar que a ligação dos dois foi mais intelectual-religiosa que afetiva, sem que isso signifique ausência de afetividade no relacionamento. O fato é que Jackson foi o responsável pela reconversão de Alceu ao catolicismo e isso mudou para sempre a vida do então ainda jovem Tristão de Ataíde. E gradativamente mudou o catolicismo brasileiro, no sentido de aproximá-lo dos princípios do Concílio Vaticano II, ou seja, de levar a Igreja mais para junto do povo que dos poderosos. Uma amizade que rendeu muitos frutos.

E Carlos Drummond de Andrade teve algum grande amigo especial? O itabirano, sempre reservado, claro que teve alguns bons amigos, como, por exemplo, Gustavo Capanema,

ministro da Educação de Vargas, de quem o poeta foi chefe de gabinete, com confiança até para imitar a assinatura do chefe, na ausência deste. Mas Capanema foi político e não escritor. Outro amigo: Mário de Andrade, mais mestre que companheiro. Rodrigo Melo Franco de Andrade também foi próximo de Drummond. Todavia, vou arriscar um palpite sobre o grande amigo escritor do poeta de *Boitempo*: Pedro Nava, mineiro, médico e autor de celebrada obra memorialista, unido a Carlos desde a juventude. Quando Nava morreu de morte voluntária aos 80 anos, Drummond escreveu um poema intitulado *A um ausente*, publicado postumamente no derradeiro livro de

CDA, *Farewell*, de 1996. Pelos versos transcritos a seguir, dá para se perceber o imenso liame afetivo que os uniu:

*Tenho razão para sentir saudade de ti,  
de nossa convivência em falas camaradas,  
simples apertar de mãos, nem isso, voz  
modulando sílabas conhecidas e banais  
que eram sempre certeza e segurança.*

Partindo do velho Drummond, tão pudico na expressão dos sentimentos mais íntimos, é de se concluir que ele e Nava eram, de fato, muito amigos, profundamente amigos.

Outras amizades literárias existiram, é óbvio, mas não me ocorrem facilmente como as acima citadas. Fico me perguntando quem terá sido o grande amigo de Jorge Amado, de João Cabral de Melo Neto, de Manuel Bandeira, de Guimarães Rosa, de Cecília Meireles e de tantos outros mais. Affonso Arinos, segundo seu filho, citou, na referida entrevista a Homero Sena, as seguintes: Tomás Antônio Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa, Alvarenga Peixoto e Basílio da Gama, Porto Alegre e Gonçalves de Magalhães, Machado e José de Alencar, Affonso Arinos (o tio) e Eduardo Prado, Bilac e Alberto de Oliveira, Euclides da Cunha e Alberto Rangel, Monteiro Lobato e Godofredo Rangel, Antônio Torres e Gastão Cruels, Manuel Bandeira e Ribeiro Couto. E por aí vai.

O desafio continua. Quem finalmente escreverá a história dessas amizades especiais? Alguém que talvez também tenha sua grande amizade literária.

Amizades e literatura. Riquezas da vida. Bonitas histórias à procura de um autor.

**Francisco Gil Messias** é bacharel em Direito pela UFPB, mestre em Direito do Estado pela UFSC e foi procurador federal junto à UFPB. É autor de livros como "O Redator de Obituários: Crônicas Artigos e Talvez Ensaios", a sua obra mais recente. Mora em João Pessoa (PB).



# A música com seus fardos (pesados ou não)

Rodrigo Falcão

Especial para o *Correio das Artes*



FOTO: THERCLES SILVA / DIVULGAÇÃO

Composta e interpretada por Val Donato, “Cargas” faz parte da trilha sonora do longa paraibano “Tudo que Deus Criou”

Até que ponto podemos satisfazer nossos desejos e sonhos sem faltar nada como um ato eterno de busca? O que faz você totalmente realizado? A análise da letra de “Cargas” é um retrato da nossa vida real, e a música faz parte do disco de Val Donato, *Café Amargo*, de 2015. Destaque para a participação especial de Leoni, a música “Cargas” faz parte da trilha sonora do filme *Tudo que Deus Criou*, ficção de André Costa Pinto e primeiro longa-metragem paraibano a entrar em circuito nacional no Brasil.

## “Cargas”

Val Donato

*Carros carregam pessoas  
Com seus fardos  
Pesados ou não  
Pessoas carregam sonhos  
embora guardados  
na desilusão  
Animais correm atrás  
Dos carros  
Com pessoas e fardos  
E sonhos em vão  
E sonhos em vão*

*Pra provar que por  
Todos os lados  
Estamos cercados  
De pura ilusão  
E as pessoas guardam  
Seus sonhos carregados  
E apontados pro chão*

## Compreensão da música

O eu lírico faz uma associação metafórica das cargas como algo que está além do seu peso normal, ou seja, tudo está junto. Assim, percebemos a represen-

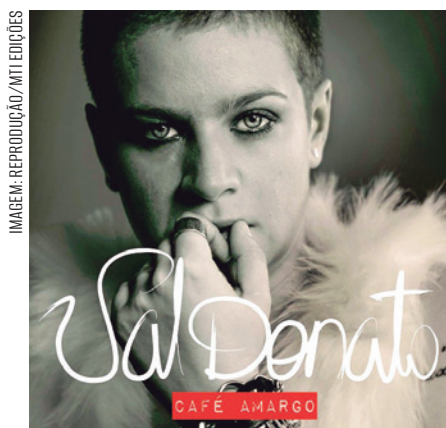


IMAGEM: REPRODUÇÃO/MTI EDIÇÕES

Canção faz parte do repertório do disco “Café Amargo”, lançado originalmente em 2015

tatividade de cargas fazendo a junção de “pessoas” e “fardos” “pesados ou não”.

Em seguida, temos a ideia de cargas com a fusão de “pessoas”, “sonhos” e “desilusão”. Ao mesmo tempo, o eu lírico faz a associação nos versos “Animais correm atrás dos carros / Com Pessoas e fardos / E sonhos em vão...”, criando uma relação conectiva.

Por um momento, temos a lembrança do poema *Quadrilha*, de Carlos Drummond de Andrade, fazendo essa analogia com a inconstância, a falta de firmeza em querer alguma coisa. Comparando com a letra da canção, percebe-se essa dificuldade de estabelecer laços amorosos. Exemplo: “João que amava Teresa que amava Raimundo / que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili que não amava ninguém...”. A confusão do eu lírico flerta com a indecisão de nunca conseguir se firmar em uma relação.

Já nos versos finais de “Cargas”, temos a aliteração em s e a semelhança com o poema de Drummond. Exemplo: “E as pessoas guardam / Seus sonhos carregados / E apontados pro chão”. Nesse momento, o eu lírico faz a analogia do sentimento do ser humano de nunca se satisfazer, mostrando a continuidade, ou melhor, nunca estamos satisfeitos com o que queremos e vivemos na busca por aquilo que está fugindo, já que sempre está faltando alguma coisa. Dessa forma, as pessoas têm seus sonhos, suas ideias e acabam se comportando de maneira a jogar tudo por água abaixo, como uma arma apontada para o chão.

Rodrigo Falcão, é professor de língua portuguesa, crítico musical e foi colunista da Tabajara FM com o quadro “Eu Lírico” (2017-2018). Mora em João Pessoa (PB).



## Delicadeza

Delicadeza é abraço pensado a distância  
e adiantado ao pensamento.  
é o tocar de olhos semicerrados  
não violados e encantados  
ao contentamento.

É palavra baixa e ligeira  
aos ouvidos faceira  
do instante alardeado.

É plenitude de ritmo do coração  
é o agora acarinhado  
sem qualquer hesitação.

É beleza singela e gentil  
de um desejo pueril,  
é hóstia, é celebração  
da iminente leveza  
da bela palavra em oração.

## Consideração

Em consideração a mim,  
viverei o segundo com zelo  
cuidadosa do minuto alarmado.

Em consideração a mim,  
sentirei as rédeas do tempo  
na minha face experimento.

Re-sonharei os sonhos perdidos  
e nas rugas titubeantes marcadas,  
com o atesto de minha honrada aparência  
no meu usado semblante em evidência,  
a possibilidade  
de viver a minha idade  
sem confidência.

Em consideração a mim,  
ultrapassarei os outonos e invernos mais rigorosos  
esperando minha primavera despontar.  
E no olhar esperança  
à espera do novo florir encantar  
considerarei os novos começos  
que ainda estão por vir a experimentar.

## Palavras- Passarinho

Nas asas de um passarinho  
algumas palavras fazem ninho,  
e no voo suave de suas penas  
as mais duras tornam-se amenas.

Precisamos passarinhar a vida  
que de tão aturdida não sabe o que é viver.  
precisamos legar ao ócio,  
essa vida em consórcio  
que quem paga mais  
quer se valer .

E os segredos velados ao entardecer  
adormecem o querer.  
e o novo nascer do sol  
conta-nos baixinho,  
palavras de passarinho  
que do segredo se fez ninho  
de lonjuras sem saber.

E nos olhos pequeninhos  
que se encantam a cada novo entardecer.  
E como plumas ao vento  
suave e sem dispartar  
as palavras pronunciadas em arremate  
costuradas letra a letra,  
pregadas feito arte,  
arte que vale a pena  
porque da vida faz parte.

E essas palavras que do silêncio brotam,  
dificilmente ocasionam divórcios,  
emergem do repouso de asas faceiras,  
e de amores que não se esgotam  
das coisas corriqueiras,  
que não se prendem a títulos  
e às boas maneiras.

E o sentido é leve feito plumas ao vento  
e dos tais elementos  
que as palavras soam  
revela-nos baixinho  
e ecoam o segredo  
que fez do aconchego do ninho  
a consciência de viver em paz.



# de Vasconcelos

## A porta

Atrás da porta da memória  
guardo entulhos  
e percebo toda vez que esbarro na porta,  
os furos.  
são pedaços de memória  
tentando escapar  
da caixa de pandora  
que deixei lá.

Atrás daquela porta  
há flores mortas,  
que não adubei  
nem reguei há tempos...  
cujos galhos secos  
vivenciaram histórias tortas;  
Talvez mortas?

Já foram tempos de horta  
com frutos sadios e flores  
de exuberantes e vivazes amores.

Atrás daquela porta me guardei,  
com medo do futuro  
que nem sequer experimentei.

E naquela caixa bruta,  
o meu peito derramou longas noites em luta.  
Pois, aprisionei meus sonhos  
atrás daquela porta,  
naquela caixa  
e hoje não mais importa.  
Retirar a poeira...  
Abrir a tampa...

Os sonhos perderam força  
e não me reconhecem mais.  
Pois, guardei naquela caixa-porta  
desejo e vontade  
e o sonho dos meus ancestrais.



ILUSTRAÇÃO: TÓNIO

**Giulliana Silva de Vasconcelos** é natural de João Pessoa (PB), formada em Comunicação Social (bacharelado em Relações Públicas — UFPB) e Licenciada em Letras Português (UFPB), além de ser especialista em Teoria Literária, Literatura Comparada, Docência do Ensino Superior e Psicomotricidade.



# “O que as mulheres carregam nas bolsas”, de Larissa Rodrigues

Um romance que apresenta as dicotomias entre modernidade e tradição, ocidente e oriente: abusos, amores mal encerrados e a ilusão de liberdade ocidental. Somos mesmo livres?

Livia Milanez

Especial para o *Correio das Artes*

Mulheres e seus segredos. Mulheres e suas culpas, ainda que sejam inocentes. Mulheres e suas bolsas. O romance de estreia da potiguar Larissa Rodrigues desenrola-se ao redor das vidas de Elizabeth, Parisa e Safira, mulheres com trajetórias unidas pela amizade desenvolvida ao longo das décadas de trabalho em um museu.

Na abertura da obra, Elizabeth, a mais jovem das três, é apresentada como uma mulher próxima dos 50 anos, solitária e não resolvida em sua grande paixão de juventude, para a qual cria uma narrativa de culpa e impossibilidade a fim de justificar o afastamento de Ronaldo Cortez, com quem quase se casou e que desapareceu de sua vida por motivos que ela evita aceitar. Elizabeth acredita mover-se pela covardia; crê não ter vivido seu grande amor por falta de coragem e ignora a realidade da história de amor com um homem manipulador e perigoso, preferindo viver em um passado com futuro idealizado.

Parisa, provavelmente perto dos 60 anos, é uma afegã imigrada para o Brasil entre o final da década de 1990 e o começo dos anos 2000. É de origem rica e tradicional. Seu pai foi próximo do rei afegão antes da tomada de seu país pelo Talibã nos anos 1990. É uma mulher culta movida pelo desejo de liberdade, lutando por ela de maneira secreta, enquanto submete-se a um marido controlador e ressentido por não terem tido filhos. Em vão, tentou evitar que a irmã entrasse em um casamento abusivo e tenta resgatá-la e a um sobrinho pequeno durante um momento crítico para a criança, a quem o pai ameaça vender como escravo sexual por ser um menino sensível e com interesses artísticos.

Safira é a mais velha das três e já está morta quando a história se inicia. Suas memórias e seu pensamento são retomados pelas duas amigas, a quem influenciou como mentora no museu. De origem quase aristocrática, Safira nasceu no Brasil, mas foi educada na Europa e somente retornou ao

FOTO: ARQUIVO PESSOAL



Potiguar radicada na Paraíba, romance marcou a estreia de Rodrigues no universo literário





## As três mulheres analisam as vidas umas das outras enquanto vivenciam as contradições da amizade

país para fugir de uma decepção amorosa com o pai de Ronaldo Cortez. Apesar do sofrimento, sua perspicácia e frieza permitiram-lhe seguir adiante, porém, não a ponto de voltar a se relacionar com outro homem. Preferiu dedicar sua vida exclusivamente ao trabalho, tornando-se reconhecida e respeitada por isso. Cética, tentou impedir que Elizabeth destruísse a própria vida relacionando-se com “um homem igual ao pai”, conforme entendia. Elizabeth, no entanto, foi incapaz de perceber as manipulações de Ronaldo Cortez até próximo dos seus 50 anos, quando um episódio crítico de humilhação extrema a despertou das décadas de ilusão amorosa.

Enquanto boa parte da produção literária brasileira é autocentrada nas dinâmicas nacionais, com personagens brasileiros ou com esta nacionalidade presumida, o romance de Larissa Rodrigues amplia a visão do Brasil sobre o mundo e sobre o estrangeiro. As personagens são mais do que imigrantes vindos de uma cultura pouco conhecida, são complexas e ricas de subjetividade, apresentando componentes com os quais todos podemos nos identificar ou identificar em pessoas à nossa volta. Apesar dos valores humanistas constantemente expressos na obra, não se trata de um romance panfletário, mas de uma obra artística que apresenta as nuances das relações e os dilemas de indivíduos cheios de lutas e esperanças.

As três mulheres da obra creem-se culpadas, ainda que não o sejam, e seu desejo de expiação expressa o grande drama feminino de responsabilizar-se por todos, sem reconhecer a participação alheia em seus sofrimentos. Parisa apanha do marido, Reza, mas ainda acha que é um “bom marido”. Este, por sua vez, enfrenta o árduo processo de cura de sua masculinidade, para ele não realizada até a paternidade afetiva do sobrinho. Em um arco de evolução pessoal presente na maioria dos personagens do livro, Reza finalmente

aprende a respeitar as mulheres. Ao contrário do ocidental Ronaldo Cortez, o muçulmano Reza tem chances de se aperfeiçoar devido à sua essência boa. Neste ponto, adentramos o etnocentrismo ocidental, de julgar-se libertário e justo comparativamente a povos mais tradicionais.

Por causa de seu preconceito quanto ao Islã, Elizabeth havia sido incapaz de admitir que o *playboy* Cortez era misógino e machista em graus mais elevados do que o esposo de Parisa, com o agravante de não desejar mudar por reconhecer os privilégios de sua posição de homem rico e de boa circulação na alta sociedade. Reza, ao contrário, enfrentou a xenofobia e o preconceito religioso e, apesar de não ter passado conscientemente pelo processo de identificação com os mais fracos, reconheceu em Parisa uma mulher admirável e a grande companheira de sua vida, a quem julgou respeitar — segundo seus parâmetros culturais — por não buscar um segundo casamento, para desagrado de sua família.

As três mulheres analisam as vidas umas das outras enquanto vivenciam as contradições da amizade: uma relação baseada no amor e no cuidado, porém, não isenta de comparações e acusações que perduram por anos até serem devidamente esclarecidas. Elizabeth inveja a força heroica e silenciosa de Parisa, que usou os meios ao seu alcance para proteger seu ideal de liberdade e as vidas de pessoas queridas. Para contrabalançar a comparação com a amiga, Elizabeth imagina-se mais livre por ser ocidental e não estar sujeita ao Islã, discriminado no Ocidente no começo do século 21 devido ao ataque às Torres Gêmeas, em Nova York. Parisa, por sua vez, reconhece a prisão mental habitada por Elizabeth, que não dispõe de liberdade por estar presa aos ideais românticos de amor entre homem e mulher e à noção do sucesso feminino condicionado a casamento e família. Safira, já ausente, permeia as reflexões das outras duas enquanto estas organizam os pertences da falecida e registros pessoais que documentam a memória das três. É interessante refletir sobre a ambientação da obra em um museu, onde o passado é inventariado e catalogado, adquirindo novos sentidos.

Cada uma das protagonistas carrega ou carregou em suas bolsas um instrumento seja para a liberdade, seja para a prisão de suas consciências, demonstrando que as aparências enganam e que mulheres vindas de culturas tradicionais, com patriarcalismo tribal, podem ser emocionalmente mais independentes do que mulheres de sociedades consideradas liberais. Ao longo da história, cada uma das três alcança a redenção pessoal por meio da amizade e do amor que acompanha esta relação complexa entre mulheres.

Livia Milanez é escritora. Seu romance de estreia, “Em Brasília, setembro” (Selo Táctil), foi semifinalista do Prêmio Jabuti. Também trabalha como editora, revisora, tradutora e analista de relações internacionais. Nasceu no Piauí e vive em Águas Claras (DF).



# Amílcar Cabral

Vida e obra de um revolucionário africano

“Discursos Anticoloniais” traz o legado intelectual do fundador do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde

**Eduardo Augusto**

Especial para o *Correio das Artes*

A Editora Expressão Popular acaba de lançar *Discursos Anticoloniais*, livro que reúne o legado intelectual do guerrilheiro Amílcar Cabral. Trata-se de obra seminal, para o momento atual no mundo, onde os impérios modernos ainda têm forte influência e tentam manter, a todo custo, seus tentáculos colonizadores.

Amílcar Lopes da Costa Cabral foi um dos mais proeminentes líderes da luta pela independência na África. Como fundador do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), em 1956, ele desempenhou um papel central na luta contra o colonialismo português, deixando uma herança duradoura, tanto em termos políticos quanto intelectuais. Nascido em 1924 e assassinado em 1973, a sua vida foi marcada pela busca incessante por liberdade, justiça e autodeterminação para os povos da Guiné-Bissau e Cabo Verde.



IMAGEM: JOÃO TIMANE / REPRODUÇÃO

Retrato de Amílcar Cabral (1924-1973) pelo artista moçambicano João Timane

Durante seus anos em Portugal, Amílcar Cabral formou laços com outros estudantes africanos, que também estavam lutando pela independência de seus países. Esse grupo incluía figuras notáveis como Agostinho Neto, futuro presidente de Angola, e Eduardo Mondlane, líder da luta pela independência de Moçambique. Esses relacionamentos foram fundamentais na formação de sua visão política e estratégia revolucionária.

Inicialmente, o PAIGC focava na organização política e na conscientização da população sobre a necessidade de se libertar do domínio colonial. No entanto, à medida que se tornou evidente que o regime portu-

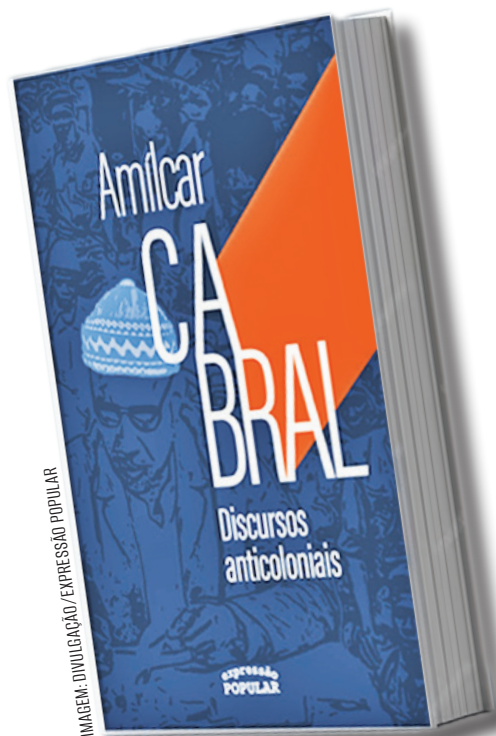


IMAGEM: DIVULGAÇÃO/EXPRESSÃO POPULAR



guês não estava disposto a ceder pacificamente, o partido passou a adotar a luta armada como parte de sua estratégia.

A obra de Amílcar Cabral vai além da sua atuação militar e política; ela é uma rica fonte de reflexões sobre o colonialismo, a cultura e o processo de libertação nacional. O guerrilheiro foi um dos primeiros a articular claramente a ideia de que a cultura é uma arma fundamental na luta contra o colonialismo. Em seus discursos e escritos, o ativista argumentava que a opressão colonial não apenas explorava economicamente os povos africanos, mas também tentava destruir suas identidades culturais. Assim, para ele, a preservação e revitalização das culturas africanas eram essenciais para a resistência anticolonial.

Amílcar Cabral também criticava duramente a tendência de algumas elites pós-coloniais de simplesmente substituir os colonizadores sem mudar as estruturas opressivas. Sua luta foi tragicamente interrompida em 20 de janeiro de 1973, quando ele foi assassinado em Conacri, na Guiné, pouco antes da independência da Guiné-Bissau ser formalmente reconhecida. Embora sua morte tenha sido um golpe devastador para o movimento, o PAIGC conseguiu continuar a luta, e a independência foi finalmente alcançada em setembro de 1974.

Cabral é lembrado não apenas como um líder militar eficaz, mas como um pensador profundo, cujas ideias sobre a importância da cultura e da conscientização social continuam a influenciar movimentos de libertação em todo o mundo. Seus escritos, discursos e estratégias oferecem lições para qualquer pessoa envolvida na luta contra a opressão e pela justiça social.

A seguir, conversamos com a editora Lia Urbini, responsável pela publicação e preparação de *Discursos Anticoloniais*, obra lançada pela Expressão Popular no Brasil.



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Lia Urbini, editora responsável pela publicação e preparação de "Discursos Anticoloniais"

## ENTREVISTA com Lia Urbini

— produtora editorial, educadora popular e mestra em Sociologia Política (CFH-UFSC, 2016)

■ *Para aqueles que ainda não conhecem Amílcar Cabral, como você descreveria sua formação intelectual e seu legado?*

Para a nossa coletânea, produzimos uma breve cronologia que ajuda quem ainda não conhece o Amílcar a se aproximar de alguns dos principais marcos biográficos dele em conexão com a história de libertação nacional, tanto de Guiné Bissau — país em que ele nasceu, como de Cabo Verde — conjunto de ilhas que compõe o país de origem de sua família. Fica então o convite para a leitura desses paratextos que ajudam a situar o leitor ao universo dos discursos.

Mas em linhas gerais — além desse legado cultural múltiplo de conexões entre as referências do continente e as referências das

ilhas, que já possuem histórias e culturas bem diversas — frisaria o fato de o pai de Amílcar ter sido um professor primário bastante ativo em Guiné Bissau e posteriormente em Cabo Verde. Nesse sentido, o interesse que Amílcar Cabral acaba desenvolvendo pela educação, sendo posteriormente conhecido como o "Pedagogo da Revolução", com certeza teve influência familiar. Além disso, temos as influências recebidas em seu período como estudante universitário e, posteriormente, como agrônomo e militante do PAIGC.

■ *Quem foi Cabral e quais foram suas influências principais?*

Amílcar nasce em 1924, na Guiné Bissau, faz a maior parte de seus estudos iniciais em Cabo

Verde e se forma em Agronomia em Lisboa, Portugal, onde os principais nomes das lutas contra o colonialismo português acabavam se conhecendo e se articulando. Quando volta para a Guiné Bissau, em 1952, trabalha com o censo agrícola, o que o permite conhecer com detalhes as características geográficas e demográficas daquela população, o que posteriormente lhe é muito útil para elaborar estratégias e planos de ação para a organização popular e a guerrilha.

Amílcar vive na clandestinidade por alguns anos após ser expulso por suas primeiras iniciativas de organização política na Guiné Bissau, e é nesse período que se intensifica a sua formação política. Em 1955, por exemplo, ele já participa da Conferência de Bandung, na Indonésia, onde líderes de quase 30 países africanos e asiáticos se reuniram. Compartilha reflexões e ações com o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), articula em 1960 a Frente Revolucionária Africana para a Independência Nacional das Colônias Portuguesas, e, inclusive, chega a conhecer e articular politicamente com China e Cuba, importantes referências de construção socialista à época. Vê-se, portanto, a profundidade e qualidade das influências desse militante e pensador.

■ *Como surgiu a ideia de criar o PAIGC e quais foram os principais desafios que ele enfrentou na sua fundação?*

Esse é um elemento que chama bastante atenção, por ser um partido que reúne a luta de dois países... A fundação do PAIGC data de 1956, mas o caldo em que ele foi preparado é esse que mencionei, da luta mais ampla das colônias da África como um todo, e a luta das colônias portuguesas em específico, que, inclusive, foram as que mais tardiamente conquistaram sua independência, em função entre outras coisas da ditadura salazarista em Por-



FOTO: CASA COMUM.ORG/REPRODUÇÃO

Cabral foi fundador do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), em 1956, desempenhando um papel central na luta contra o colonialismo português

tugal. O partido foi fundado por Amílcar junto a Aristides Pereira, seu irmão Luís Cabral, Fernando Fortes, Júlio de Almeida e Elisée Turpin, com a ideia de organizar alguma estrutura que, de fato, conseguisse driblar as forças portuguesas e estruturar uma nova sociedade, mais do que apenas superar o estado colonial.

Por serem duas colônias de Portugal, geograficamente próximas e compartilhando o idioma do colonizador, Guiné Bissau e Cabo Verde puderam estreitar seus laços no processo de independência e descolonização. Em contrapartida, Portugal explorava justamente as disputas internas e as diferenças culturais entre os povos para dificultar a união. Nesse sentido, o esforço de construção de pontes entre culturas, línguas e etnias é bastante perceptível nos discursos selecionados do Amílcar, e configura uma verdadeira lição contra a desarticulação e o divisionismo, além de evidenciar a centralidade de aspectos culturais dentro da reflexão das organizações políticas como o PAIGC, com o objetivo de estar sempre em sintonia com a base que representavam.

Começando como um movimento pacífico, o PAIGC percebe que as forças repressivas coloniais não dariam espaço para o crescimento da organização a partir das cidades maiores, e passa a desencadear ações a partir do campo.

Observando a história das organizações políticas que precederam o PAIGC (como o MLGC, o UPG, a RDAG, a UNGP, UPLG, MLG, Ming e Fling), é possível perceber que em geral eles enfrentavam muitas dificuldades em conquistar a hegemonia política para conduzir com força suficiente o processo de libertação. Assim, unir forças com a indignação cabo-verdiana; se consolidar como uma referência de organização política principalmente a partir do massacre de estivadores de Pidjiguiti; conduzir uma luta armada bem organizada a partir de 1962; e manter vínculos estratégicos com os demais processos de lutas de libertação em outros territórios são marcas distintivas do PAIGC e que garantiram sua viabilidade e durabilidade.

■ *Cabral foi notável por sua atuação em duas frentes: a luta armada e a organização política. Como essas táticas se desenvolveram ao longo do tempo*



*e quais eram as principais estratégias adotadas por ele?*

Em relação à luta armada, ela começa quando se esgotam as possibilidades de solução pacífica negociada com a ditadura colonial portuguesa. De acordo com as principais análises, vemos que o controle do território nacional, em comparação com Angola e Moçambique, levou menos tempo e menos disputas, e, com isso, o PAIGC se desgastou menos no processo anterior à independência, podendo concentrar energias na criação do que os membros do partido consideravam ser os pilares da nova sociedade, destacadamente as experiências de educação e saúde nas zonas libertadas. Inclusive, a criação de uma Assembleia Nacional Popular ao longo da última fase da luta armada foi um elemento adicional para a conquista da legitimidade da organização diante da população dos territórios em luta.

No âmbito da organização política pensada de um modo mais amplo, destacaria, além do que já mencionamos anteriormente, a atuação e articulação internacional aliada à noção de que aprendemos com as lutas dos outros, mas precisamos organizar a luta não a partir de ideias, importando modelos, mas adaptando-os e criando com base na realidade concreta do país em questão.

■ *Observamos atualmente um genocídio colonial contra o povo palestino, perpetrado pelo estado de Israel. Quais lições da obra de Amílcar Cabral podemos aplicar para combater e prevenir massacres futuros, como os que ocorrem na Faixa de Gaza?*

A terceira parte de nossa coletânea reúne discursos sobre o internacionalismo, e, apesar da distância temporal que temos em relação ao final dos anos 1960 e começo dos 70, percebemos como ainda temos muito a construir nesse campo. É inspirador entender como a noção de soberania nacional nessas lutas de independência conseguiu muitas vezes superar

os limites estreitos do nacionalismo capitalista e criar uma união que, ao mesmo tempo, respeita a diversidade interna de qualquer coletividade, e como manter no horizonte a solidariedade entre os povos é possível e necessário; independentemente do nível de dificuldade de uma luta específica, tanto no caso de Guiné Bissau e Cabo Verde, como no exemplo da Palestina, podemos ver que pensar internacionalmente não é um luxo ou uma diretriz aleatória: é uma base inegociável sem a qual não chegamos até a raiz dos problemas. Nos discursos de Cabral, é perceptível como é principalmente a partir da lógica internacionalista que ele entende ser possível organizar a ofensiva ao imperialismo, e, infelizmente, temos provas muito evidentes da atualidade da atuação imperialista com os novos ataques ao povo palestino que vemos ocorrer nesses últimos meses.

■ *O Brasil ainda lida com traços profundos de seu passado colonial. Em sua opinião, como podemos romper esses grilhões? Em que direção a obra de Amílcar Cabral aponta para a superação desses desafios?*

Nos discursos de Cabral percebemos como uma interação efetiva com as massas só pode acontecer com um profundo conhecimento

da realidade nacional. Conhecer com detalhes a realidade brasileira, os dados locais, regionais e nacionais de ontem e hoje, me parece essencial para conseguir acertar nos diagnósticos e criar as bases para uma articulação popular em torno de um projeto comum de transformação viável e ajustado à essa realidade.

Sem um profundo conhecimento do território e de sua população — que vem do estudo e das análises de números e de paisagens, mas também de uma escuta atenta à diversidade cultural, artística e política das diversas comunidades que compõem essas nações criadas pelo poder colonial — também não se consegue ampliar os mecanismos de participação popular nas democracias de massa, nem se consegue um trabalho efetivo em relação a como construir políticas efetivas de reparação histórica e de conscientização revolucionária. Ao mesmo tempo — e por isso considero muito relevante o legado de Cabral para os brasileiros de hoje — agir com acerto em nossa própria realidade demanda não repetir os erros do passado e conhecer que acertos das experiências de outros povos podem nos ajudar a tomar atalhos para os nossos acertos atuais.



FOTO: CASA.COM.UK/REPRODUÇÃO

Político foi um dos mais proeminentes líderes da luta pela independência na África; quando se tornou evidente que o regime português não estava disposto a ceder pacificamente, o partido adotou a luta armada

**Eduardo Augusto** é graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e gerente operacional de produtos editoriais da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC). Mora em João Pessoa (PB).



**João Batista de Brito**  
brito.joaobatista2@gmail.com

# Esquinas de Jaguaribe

Aos 12 anos de idade, eu já trabalhava. Meus pais possuíam uma pequena padaria, na verdade, uma “gangorra”, como se chamava a padaria de pobre, e a mim cabia entregar o pão em mercearias e em algumas residências do bairro.

Bem cedo da manhã, quase madrugada, o pão tinha que ser entregue, e isto, em sacolas de pano branco, o amontoado de sacolas pendurado em torno de meu corpo franzino me dando um jeitão ridículo de Papai

Noel, apelido que me jogavam os meninos do bairro.

Esse cansativo ofício matinal tinha, naturalmente, uma compensação: a mesada semanal, que me garantia o acesso aos três — sim, três! — cinemas do bairro: o Santo Antônio, o São José e o Cine Jaguaribe.

Situado na Avenida 1<sup>ª</sup> de Maio, número 146, esquina com a Vasco da Gama, o Santo Antônio era vizinho ao Grupo Escolar onde estudava, e todo dia podia ver a programação da semana e fazer meus planos. Um pouco mais longe, o São José ficava na Rua Senador João Lira, número 697, esquina com a Floriano Peixoto, e o Cine Jaguaribe, s/n, por sua vez, estava na Capitão José Pessoa, esquina com a Aderbal Piragibe.

Três esquinas, três cinemas... Para tantos filmes a ver, a minha mesada não bastava, mas assistia ao que podia e, também, ao que a censura permitia.

Meu pai não aprovava de bom grado esse vício de cinema, mas, por outro lado, não punha objeções, talvez pelo fato de ser eu aplicado na escola e tirar boas notas. Logo que percebi isso, mais me apliquei, não porque gostasse de estudar, mas para consolidar o meu direito de ir ao cinema quando quisesse. Minha mãe era neutra, e meus irmãos — também eventuais frequentadores — eram coniventes, de modo que não encontrava impedimentos de circular em torno daquelas três esquinas ci-

IMAGEM: REPRODUÇÃO/UNITED ARTISTS



Cine Santo Antônio anunciava o filme histórico de guerra “Orgulho e paixão” (1957), estrelando Cary Grant, Frank Sinatra e Sophia Loren



nematográficas, a não ser na eventual falta dos 500 réis que pagavam o ingresso.

Uma sessão imperdível no Cine Santo Antônio era a matinal de domingo, sempre às 9h30, horário conveniente, pois a missa da Igreja do Rosário, obrigatória para os alunos do Grupo Santo Antônio, era nesse dia, mas, às sete da matina, terminando cerca das oito: depois do “amém”, era só correr para casa, tomar café com o pão quentinho de fabricação própria, e me mandar para o Santo Antônio, a ver o que estivesse em exibição: algum faroeste, um Tarzan qualquer, filmes de aventura, reprises de Chaplin, fosse o que fosse, que tudo dentro daquele enorme templo de imagens era encantamento.

A rigor, todas as sessões, em qualquer horário, diurno ou noturno, naquelas três esquinas do bairro eram imperdíveis, só perdidas quando não havia jeito.

Uma circunstância toda especial acontecia quando me incumbiam o doce papel de acompanhar as irmãs mais velhas que — a ordem paterna era clara — não tinham permissão de ir ao cinema só com o namorado, ou o noivo, e, no caso, o acompanhante obrigatório geralmente era eu, que — privilégio dos privilégios — usufruía dessa chance de ver filmes sem pagar, pois o namorado, claro, não abria mão da elegância de ser o patrocinador. Geralmente, o casal, a fim de carícias não permitidas em casa, sentava lá atrás, nas últimas filas, enquanto eu, ávido de meter-me tela adentro, procurava as poltronas da frente, indiferente ao meu papel de fiscal da moralidade familiar.

Mas essa era uma circunstância especial. No geral, o ingresso me custava o peso das sacolas de pão carregadas.

Naquele dia, 28 de maio de 1958, quarta-feira, estava completando 12 anos de idade. No seio de minha modesta família — residente à Rua Alberto de Brito, uma casa humilde não muito distante da Praça Onze — não havia o hábito de se comemorar aniversários, porém, minha irmã mais velha, casada e residente em Santa Rita, aparecera e me pusera na palma da mão um dinheirinho extra, que dava para algumas pequenas extravagâncias.

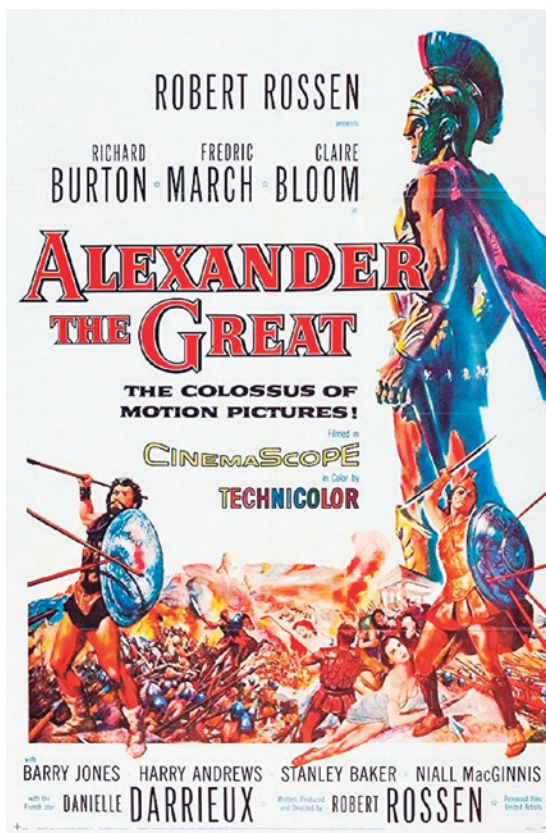
Já tinha visto que o Cine Santo Antônio estava anunciando para o fim de semana *Orgulho e paixão*, um filme histórico, em cujo cartaz um enorme canhão, sobreposto aos rostos de atores afamados, Cary Grant, Frank Sinatra e Sophia Loren, definia o seu gênero, guerra. No São José estava programada a exibição de *O homem que sabia demais*, e no Jaguaribe, o grande épico *Alexandre Magno*. Até então, eu estava pensando em escolher só um deles, e esperar pela possível reprise dos outros dois. Agora, com o agrado da irmã, considerava a possibilidade de ir ver os três.

Circos, lapinhas, clubes, assustados, festas de ruas, o bairro de Jaguaribe não era desprovido de diversões, porém, para aquele garoto de doze anos, não havia nada que superasse a magia escondida naquelas três esquinas.

(Texto a constar de meu novo livro, *Pão com sabor de poesia*, a ser publicado brevemente)



No Cine São José estava programada a exibição de “O homem que sabia demais” (1957), clássico de Hitchcock com James Stewart e Doris Day



No Cine Jaguaribe, a sessões eram do grande épico “Alexandre Magno” (1956), escrito e dirigido por Robert Rossen e protagonizado por Richard Burton

## MAR DE MEMÓRIAS

A menina  
agora mulher  
procurava pelo mar  
pelo mar de memórias  
a sua história esquecida  
e revivia com sua filha  
os tempos de menina

Na lenha da fogueira  
e na tarde morena  
a mulher percebeu  
e compreendeu serena  
que mesmo mudando  
sempre será a mesma  
menina plena

## OS PONTEIROS DO RELÓGIO

Os ponteiros do relógio  
tendem a não falhar  
com seus tic-tacs monótonos  
que tanto esperamos passar

Com seu fundo branco  
ligado ao imaginário  
imaginário árduo  
pulsando nossas vidas  
como linhas vividas  
nessa espera infinita

## JOVENS REBELDES

Na neblina sombria  
jovens andando  
encarando a vida  
e a rebeldia é tomada  
de uma forma inesperada

Com a liberdade  
de não ser prisioneiro  
da sociedade  
eles agem  
sem se importar  
de quem estar a olhar  
essa vida sem regras  
como uma nova  
porta aberta

## MUDANÇAS

Com o tempo as amizades esquecidas  
tomam novos rumos diferentes na vida  
e a antiga empatia  
usada no dia a dia  
é esquecida

O tempo passa  
mudando tudo ao seu redor  
as pessoas têm medo das mudanças  
que a vida lhes traz  
e muitas vezes agem como crianças  
nesse ciclo de esperanças  
que as coisas nunca vão mudar

Aos poucos as estações vão indo embora  
e com elas os momentos de infância  
e a insegurança toma conta da mudança  
que fica como lembrança  
na vida que já se foi.

## A MORTE

Todos os esforços  
Os sacrifícios  
Se fecham em um caixão.

E pensar que  
Esse será o fim  
De todos  
Que aqui vivem  
E viveram.

O legado de quem se foi  
fica na lembrança  
E de quem vive  
pela memória  
Revive o convívio  
Com o falecido.



# sa Almeida



Maria Luísa Almeida, de 12 anos, é nascida na capital paraibana, onde reside, e é leitora de Monteiro Lobato, Manuel Bandeira e Cecília Meireles, além de praticar esportes, sobretudo, o tênis. Gosta de alguns autores estrangeiros, a exemplo de Rick Riordan e J.K. Rowling.



**Larissa Rodrigues**

*larissa.733@gmail.com*

**/ afinal, o que quer uma mulher?**

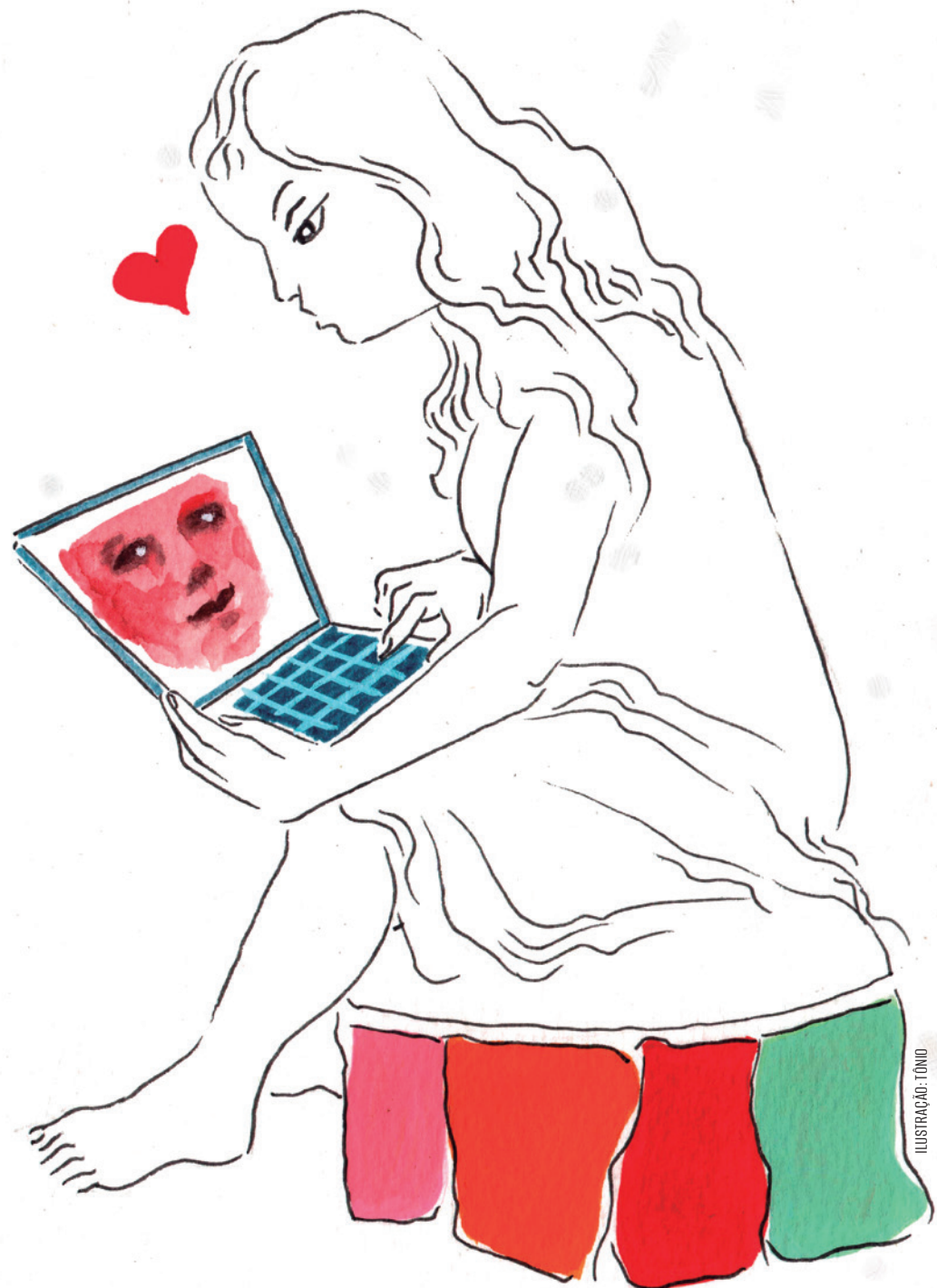


ILUSTRAÇÃO: TÔNIO

## O CAPS multicolor

Esses dias encontrei com uma moça que atendi faz uns anos. Ao receber um longo abraço, recordei de sua história e de como sua vida era ditada por acontecimentos aleatórios. Minha impressão, que depois virou certeza, era que nada era escolhido, afinal não existia em seu repertório a palavra parâmetro. Desse modo, tudo simplesmente acontecia e depois a máxima culpa era do universo ou de Deus, e Suas maldições do Antigo Testamento.

As primeiras queixas foram direcionadas aos amigos. Esses ela conhecia em qualquer lugar e rapidamente os admirava, colocava-os num pedestal. Como em todo circuito repetitivo deparava-se com grandes decepções. Uns eram interesseiros, outros truculentos, alguns sem modos e outros mentirosos. Vivia numa dança de cadeiras na qual ela sempre pagava a prenda. Foi um longo trabalho até que essas amizades volúveis dessem lugar para afetos mais só-



lidos. Amigo é obra de arte, não se encontra em qualquer tela.

Com a família, também sofria, engolia sapos e elefantes sem protesto. Era lei de Deus respeitar pai, mãe, irmãos mais velhos. Até hoje me pergunto: será mesmo? Mexer em família é sempre delicado, costume dizer que, em sua maioria, a família é a voz que torce contra o processo terapêutico. Ninguém suporta a mudança de um ente querido, o ideal é que tudo permaneça igual. Superar um familiar, apropriado de si mesmo, é jogo duro.

O grande osso desse processo foi sua vida amorosa. Lembrando que, no amor, reatualizamos o relacionamento com pai e mãe, o grande Outro. Foram tantas e inúmeras tentativas fracassadas. Cheguei a vê-la sem esperança. Nada funcionava, tudo era igual. Cansada de procurar um amor nos bares e baladinhas, mergulhou nos aplicativos de relacionamento. Todos os *matches* destoavam dela e não sabia que tipo de homem desejava, então saía tentando. E haja bala perdida.

Indignada, quando eu questionava sua busca exaustiva, respondia: “Não basta ser um bom homem, Larissa?. Às vezes parecia que a inimiga ali era eu. Lacan estava certo, o analista paga com o corpo a angústia de ouvir. Acolher não é para qualquer um. Obrigada, Freud, sem você jamais iria penetrar nessa verdade.

O primeiro aplicativo em que essa paciente entrou foi o Tinder, segundo ela o CAPS cor-de-rosa. Nem imagino qual seria o CAPS tarja preta. Nesse aplicativo, os homens queriam algumas informações, encontros e, obviamente, sexo. Sempre assim, sem muitas diferenças. Às vezes, descobria que um ou outro era casado ou enrolado em algum relacionamento disfuncional.

Obviamente, já vi pessoas (poucas, mas vi) se dando muito bem no CAPS rosa. Exceções existem para regar as fantasias, graças a Deus. Desiludida com o Tinder,

minha paciente passou a aceitar todas as solicitações do Instagram. Achou a rede mais honesta, via-se a vida e a rotina do outro. O que comia, o que fazia nos tempos vagos, as ideologias políticas e a cultura ou a falta dela.

Logo, chamou o Instagram de CAPS amarelo. Nunca perguntei se por causa de Van Gogh ou pelo Setembro Amarelo. Não podemos esquecer que Van Gogh era psicótico, então achei melhor deixar que ela explicasse no seu tempo. Depois de alguns meses investindo toda sua energia libidinal no CAPS amarelo, conheceu um sujeito interessante, bom papo e aleatório como todos os outros. Esse não tinha emprego, mas era muito bonito, segundo ela. Nada era empecilho, ela tinha emprego e ganhava bem.

No início, o rapaz se dizia encantado, enaltecia uma energia que emanava dela. Sim, segundo ele, através do Smartphone, ela emanava uma química magnética que o atraía profundamente. Na primeira semana de bate-papo virtual, o camarada falou da diferença de classe e usou um português meio capenga. Sem poder de escolha, ela foi deixando se levar. Mas havia uma distância de alguns quilômetros, que o moço não tinha como resolver com a rapidez dos antigos capsianos. Afirmava não ter recursos para fazer uma viagem curta, nem longa.

Durante esse tempo, conversaram sobre vários assuntos, ele sempre passando uma ideia utópica de ser um socialista convicto para justificar o emprego e o estudo

que não tinha. Cansada de tanta politicagem verbal, ela ofereceu ajuda financeira para conhecê-lo. Cheio de pudores negou sua ajuda. “Está vendo aí, Larissa? Ele disse que isso é dignidade”. Calei. Na semana seguinte, percebendo sua distância e apatia, perguntou quais eram as intenções do rapaz. Imaginou algumas respostas excitantes, e ouviu a seguinte afirmativa: “Quero sexo, quero ir ao cinema, ao teatro e beber muito vinho. Assim construo minhas amizades”.

“E você pega todas?”, ela questionou. Com exceção de mãe e irmãs, sim. Sem muita reação e lembrando de minha intervenção sobre sua falta de padrão, ela não seguiu com a conversa. Entendi na hora o motivo da cor amarela. Só um homem hétero top poderia viver num estado maníaco de grandeza como aquele rapaz. Dali para a frente, as coisas foram mudando, a forma desrespeitosa e vulgar do sujeito afetou aquela mulher.

Depois de tantos tropeços, ela decidiu criar algum modelo. Desejar exige esforço, não dá para desejar qualquer coisa nem qualquer um. É preciso disciplina consigo mesmo. Então decidiu e trabalhou arduamente para poder escolher. Uma mulher tão completa não poderia abandonar-se ao acaso. Saber escolher é, antes de tudo, saber dizer o que se quer da vida. E ela queria tanto... Naquele dia em que a reencontrei, vi não só uma aliança no seu dedo esquerdo, mas uma mulher dona de si. Depois do abraço, ela me disse, intuindo minha surpresa: “Se não der certo, Larissa, outras coisas darão”.

---

## ERRAMOS:

*Nesta mesma coluna, na edição nº 4 (junho de 2024), na página 42, foi colocada outra fotografia na versão impressa que não era a da autora do texto “O pote de azeitonas”, Larissa Rodrigues. Pedimos desculpas aos leitores e leitoras, como também para a própria colunista pelo equívoco.*

**Larissa Rodrigues** é psicóloga clínica, psicanalista em formação e escritora. Autora do romance “O que as mulheres carregam nas bolsas”. Ela mora em João Pessoa (PB).

# Marineuma de Oliveira

## Rota

vou sempre  
por caminho  
novo

e ainda  
que pareça  
o mesmo  
é outro

## Poética

A menina azul  
traz na ponta  
da língua  
a palavra bruta  
que queima  
dentro de si.

A menina azul  
acende o farol  
da poesia  
que se reflete  
nos olhos seus,  
ora jade, ora anil.

## Água da chuva

escapa pelas mãos  
o líquido frio  
e transparente  
levando para longe  
o que há de pior  
de dentro da gente

e corre no curso  
desse rio  
intermitente  
a sede  
da vontade  
de ser nuvem  
novamente

## Metaverso

troco ideias  
com flores

falo com  
meus animais

modo de curar  
minhas dores

universo  
paralelo  
contumaz

## Bem-me-quer

Chamavam  
de margarida  
a flor miúda  
que nascia  
feito mato  
na beira  
da estrada.

Hoje, ao longo  
do asfalto,  
não encontro  
mais nada:

nem a florzinha  
falsa,  
muito menos  
a legítima  
calêndula branca.

## Igrejinha

Pouco sabia  
sobre  
a igrejinha  
que beirava  
a estrada  
por onde  
passava.

Coberta  
de densa  
poeira,  
seu portão  
de ferro  
retorcido  
assustava.

Pela fresta  
de um buraco  
para dentro  
se olhava:  
sem padre  
sem missa  
sem nada.

Ali ficava  
a igrejinha  
abandonada  
na beira  
da estrada  
por onde  
eu passava.



Marineuma de Oliveira é paraibana de Pocinhos, escritora, poeta, doutora em Linguística e professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Coordena o grupo de intervenções poéticas Evocare.





**PALCO** O SOM DA  
PARAÍBA  
**TABAJARA**  
USINA ENERGISA

TODA TERÇA ÀS 20H

**ENTRADA GRATUITA**

SALA VLADIMIR CARVALHO, USINA ENERGISA

TRANSMISSÃO NA 105.5 FM E YOUTUBE

**03**  
SET SOM D`LUNA + TITÁ MOURA

**10**  
SET CONFLUÊNCIA + BLUES À BRASILEIRA

**17**  
SET LIL`LION + CANDEEIRO NATURAL

**24**  
SET NATHALIA BELLAR + MÓDULO LUNAR

**01**  
OUT POLYANA RESENDE + HELTON SOUZA

**08**  
OUT CHICO LIMEIRA + WISTER

APOIO:  energisa

REALIZAÇÃO:

 **Tabajara**  
RÁDIO  
FM 105.5

 **EPC**  
EMPRESA  
PARAIBANA DE  
COMUNICAÇÃO



**GOVERNO  
DA PARAÍBA**

A vida  
**acontece**  
com  
o Sesc

A vida **acontece**  
com educação,  
saúde, cultura,  
lazer e assistência.

**Sesc**  
Fecomércio  
Senac